



A ESPINHA

DIRECTOR: ANTÓNIO F. GAIO

SUBDIRECTOR: ANTÓNIO A. SANTOS

ANO 45 / N.º 2250 / 17 DE MAIO DE 1975 / PREÇO 3\$00

Fim de Semana • 103

1.

Continuando a visão iniciada na semana finda, dois factos relevantes nos esqueceram.

O primeiro é salientar que o pouco esclarecimento político, que as populações (sobretudo rurais) do interior tiveram se deve apenas à campanha dinamizadora do M.F.A.

O segundo é assinalar a forma ordeira como em todo o país o acto eleitoral decorreu, isto a despeito de algum raro incidente sem relevo que não empana a lição de civismo.

E diga-se de passagem que os membros das assembleias eleitorais muito bem se mostraram conhecedores da lei e da missão, o que não é de salientar numa população desabituada a actos eleitorais sérios. Claro está que houve mesas menos esclarecidas, mas o único inconveniente de relevo que adveio daí foi uma maior morosidade na operação eleitoral.

2.

Entramos agora noutra aspecto mais delicado: uma breve análise dos resultados das eleições.

Em primeiro lugar acabemos com o mito de partidos políticos se encontrarem radicados na população, porque nos parece que nenhum estava.

Se algumas forças podiam falar em tal radicação seriam uma sobrevivência inadmissível da A.N.P., e, de certo modo, o P.C. em camadas estanques da população, digamos em certos grupos sócio-profissionais, que o tinham seguido na clandestinidade.

Quanto à A.N.P. já em tempos idos era ilusória a sua força como a seguir analisaremos.

Os demais partidos pura e simplesmente não tinham existência real antes do 25 de Abril. O P.S. tinha uma formação embrionária que se perdia no conjunto da chamada oposição, e esta oposição conglomava-se toda no M.U.D., depois M.D.P. e C.D.E. — simples movimentos unitários de forças democratas e antifascistas sem cuidar de análises de programação política.

3.

A incontestada e nítida maioria obtida pelo P. S. constituiu uma surpresa, de certo modo, até supomos que para os próprios socialistas.

Não que se não esperasse a sua maioria; o que se esperava era uma distância menos de outros dois partidos, isto é, aguardava-se um equilíbrio maioritário do C.D.S., P.P.D. e P.S., embora com alguma vantagem para este.

No entanto, há explicação, cremos, fácil, para este ascendente do P.S.

O P.S. tem um programa aprovado no seu Congresso de Dezembro, puramente de linha marxista.

Aconteceu que, alguns dias depois do Congresso do partido, os seus responsáveis passaram a fazer uma interpretação própria do programa, dando-lhe uma cor nada marxista, mas social-democrata.

Para conciliar a contradição marxismo (plataforma aprovada) — social-democracia (interpretação do programa) construíram a figura do socialismo em liberdade e a tese do socialismo através de uma social-democracia.

A nível internacional tomou o P.S. esta posição em entrevistas dadas aos órgãos de informação estrangeiros.

Assim entrou na campanha eleitoral.

Isto permitiu-lhe adquirir uma vasta clientela nos indecisos entre o P.P.D. e o P.S., ao mesmo tempo que os seus militantes marxistas ou o abandonaram formando a F.S.P., ou continuaram a apoiá-lo numa posição de expectativa.

Assim, à clientela operária, veio adicionar uma clientela burguesa e furtou-se à campanha da Igreja que combatia os partidos marxistas; e a Igreja embora não gostasse muito (a palavra socialista punha-a de prevenção), no entanto não o repudiava totalmente junto dos fiéis.

Entretanto, o M.F.A. definia o seu caminho pela via socialista e o eleitorado menos esclarecido e que de política apenas sabia que queria no poder o M.F.A., encaminhou-se para o partido cujo nome mais se aproximava do programa deste sem saber que havia muitos outros partidos socialistas (quase todos os outros, incluindo, em certos princípios o P.P.D. e mais acentuadamente o P.P.M. — isto para falar apenas dos tidos no consenso geral como conservadores).

(Veja-se, em abono do que dizemos, aquela gente da aldeia que, nas sessões de dinamização cultural do M.F.A., o que queria era saber qual era o partido das Forças Armadas...)

Depois, e pela mesma razão, vieram os oportunistas — os que têm tanto de socialistas como o General Franco, mas que «cheiraram» que o futuro estava no socialismo.

Finalmente temos os conscientes que, não sendo visceralmente socialistas, entenderam que no P.S. estaria a posição de equilíbrio de forças desejável.

4.

Por todas estas razões, chegou-se à conclusão desejável da vitória de um partido havido como de esquerda, e, portanto, a afirmação da vontade do país de caminhar para o socialismo.

Mas aqui surgem as terríveis dificuldades dos dirigentes do partido — e delas dão conta as contraditórias declarações após as eleições

(Conclui na página 2)

DOMINGO DIA FERIADO

O doce prazer do descanso. Toda a semana a trabalhar dá direito a um dia de repouso. E o domingo é esse dia. A cidade transforma-se, perde a sua vitalidade um pouco febril dos dias de semana e ganha, em troca, um ar arrastado, absorto, um tanto monótono e melancólico ao fim da tarde, como que despedindo-se custosamente do ar diferente que a recria em cada domingo. De manhã é a saída da missa, os cumprimentos entre o prazenteiro e o cerimonioso, o caminhar vagaroso pelas ruas calmas em direcção ao mar, para respirar um pouco o ar fresco e fazer horas para o almoço que alguém em casa prepara. Compra-se o jornal e desdobra-se com gestos largos, batidos pelo vento e pelo sol que já aquece.

Mas de tarde é que é domingo a sério. Vêm aos magotes das aldeias, eles e elas, caminhando apressados, rua 19 abaixo, para tomarem o cafezinho antes da sessão de cinema. Falam em altas vozes, os gestos soltos e nervosos. De bilhete no bolso, ei-los que vão para a «matinée». Sairão horas mais tarde, um pouco tontos com a claridade cá fora, os olhos ainda esquecidos no beijo final da fita e as mãos ainda mornas das ternuras escondidas.

Os da cidade são diferentes. Procuram com rotina feita de muitos dias iguais o café do costume, falam aos amigos e tentam encontrar resposta para uma tarde longa, afinal tão pobre de atractivos. Há o parque, os bancos todos ocupados por parzinhos cheios de segredos, gestos escondidos, o local certo das tardes de uns poucos que se procuram encontrar um pouco a si próprios. Há as tascas, com a televisão e o rádio a despejarem torrentes de som, em que se misturam as súpticas suaves da artista do filme dessa tarde com as palavras frenéticas do locutor brasileiro que descreve mais uma portentosa jogada que falhou por um triz. E no meio disto jogam as cartas com gestos nervosos, batendo fortemente as mãos na mesa quando derrotam a dupla opositora. E bebem um trago fundo para celebrar. «Eh, patrão, venha mais um copo!» Entretanto, os casais de meia idade espreguizam-se dentro dos automóveis, folheiam o jornal e acabam por o pôr na cabeça para adormecerem mais depressa. O automóvel parece ter sido feito para nele dormirem umas boas sonecas ou para olharem longamente o mar, sentindo algum longín-

(Conclui na pág. 2)

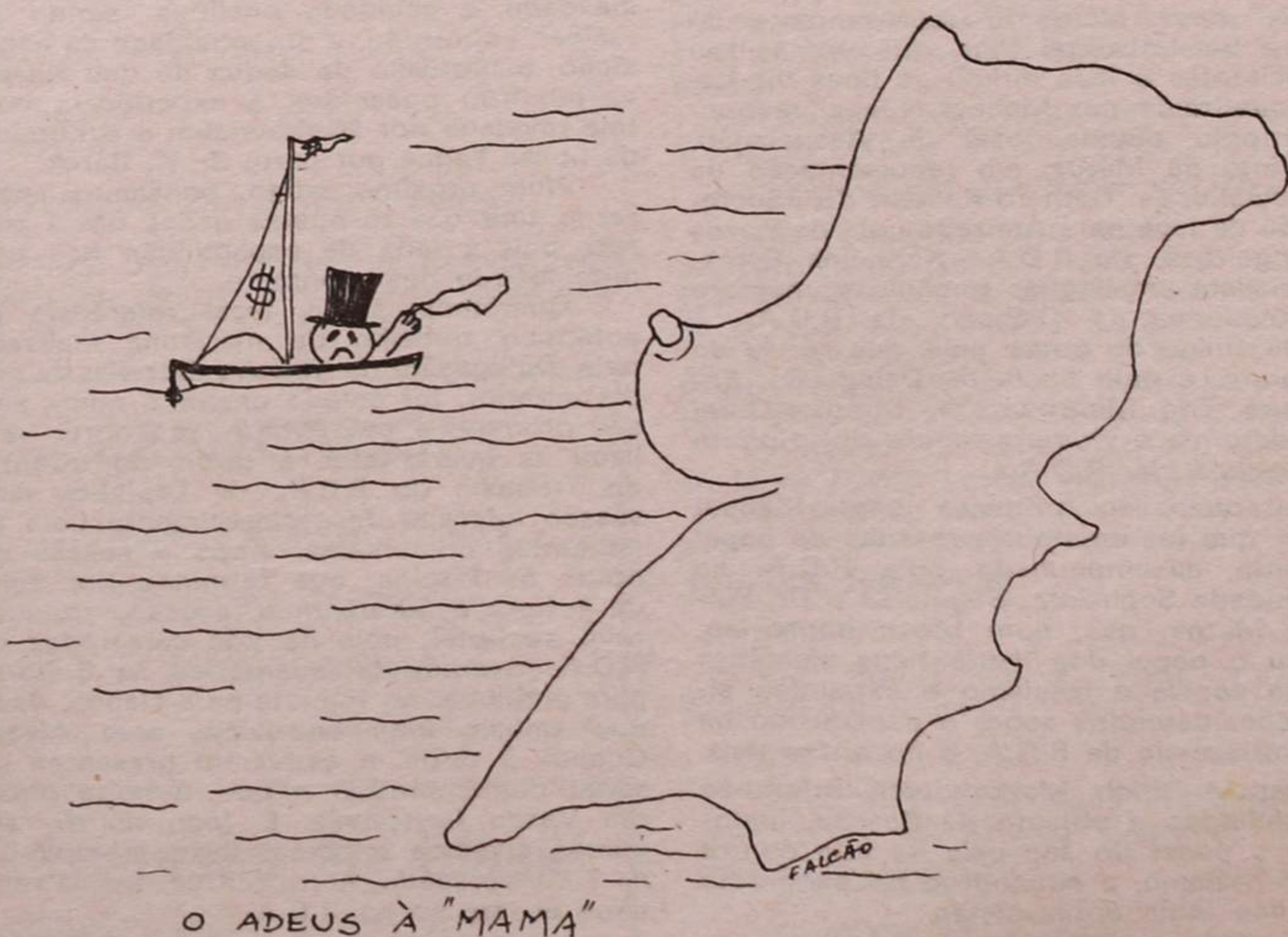
Leia neste número:

PÁG. 5

TURISMO EM MESA REDONDA

COM ENTIDADES RESPONSÁVEIS
PELO TURISMO DE ESPINHO

OS BONECOS DO FALCÃO



FIM DE SEMANA • 103

(Conclusão da 1.ª página)

feitas pelos seus dirigentes; é ver as dificuldades que passou o seu secretário-geral naquela entrevista de 4 horas na rádio na tarde do dia 27 de Abril e no «Responder ao País» na T.V. três dias depois, assim como do Dr. Salgado Zenha na mesa redonda da T.V. no dia 23 daquele mês.

É que há quem votasse P.S. votando o programa marxista; e quem votasse votando a forma social-democrata como primeiro passo para o socialismo.

Dai o refúgio na ideia do socialismo português; segundo a palavra do M.F.A., falando em modelo português de socialismo, subentende-se um conceito; os dirigentes do P.S., falando da mesma coisa, conversam em língua diferente e deixam subentender uma ideia diversa.

A posição do P.S. saiu tão embaraçosa para os seus dirigentes que, se em Portugal se glorificava a vitória do partido pela aposta do sufrágio na esquerda, enquanto Miterrand publicamente declarava que o P.S. devia promover um entendimento com o P.C., ao mesmo tempo a imprensa inglesa, alemã ocidental, italiana, holandesa, etc., festejavam a vitória das forças conservadoras, considerando o P.S. português conservador, dado o pendor social-democrata subentendido nas declarações dos dirigentes do partido.

Parece que, se em Portugal há um partido concretamente (em face do programa) social-democrata (o P.P.D.), não cabe espaço político para outro partido social-democrata; o partido socialista tem, pois, de ser fiel ao seu programa marxista. E os seus adeptos, na maioria por certo, porque são os conscientes e rectos, é isso que escolheram.

Oxalá o P.S. vença essas contradições para se integrar na sua via programática, pois todos teremos a lucrar com isso; o que é preciso também é que deixe de ser espectador e fique à espera que o Conselho da Revolução tome as resoluções e as massas populares pratiquem as acções de que lhe cabia a ele ser motor.

É necessário que abandone o triunfalismo em que a vitória o fez entrar em euforia.

É preciso que o capitão Vasco Lourenço deixe de poder dizer, como disse e com toda a razão, que os partidos políticos têm sido um entrave para o desenvolvimento da revolução, vivendo preocupados pelo prestígio pessoal e na luta pelo poder, sem curar dos interesses nacionais.

Tudo temos a esperar do P.S., pois, cumprindo o seu programa servirá condignamente o país que nele depositou a sua confiança.

Mas para isso tem de vencer as suas contradições e hesitações, e passar a uma tarefa operante de colaboração no processo revolucionário, esquecendo as quezílias de luta partidária.

5.

Resultados disto tudo (e agora voltamos a cabeça para o outro lado da rua e vemos a paisagem da vida de lado diferente) vêm os conflitos do 1.º de Maio.

Do que vimos deles da nossa janela e da análise do resultado das eleições continuaremos a falar na próxima semana.

30-4-1975 — 3-5-1975.

VASCO LUIS

XXX Aniversário da queda do fascismo

Em 7 de Maio, à noite, no Salão Nobre da Piscina de Espinho, promoveu o núcleo da «Portugal - R.D.A.» uma sessão comemorativa do XXX Aniversário da Queda do Fascismo.

Infelizmente, a assistência não foi tão numerosa como seria para desejar, cifrando-se em 250 assistentes, pouco mais ou menos, e pena foi, pois assistiu-se a uma autêntica lição de espírito antifascista e ainda da explanação de interessantes temas de política social e económica.

A mesa, além do representante do núcleo local, Leonel Pias, que apresentou os visitantes e lhes dirigiu as boas vindas, foi constituída por Manuel Nunes, responsável pelo núcleo local da Associação, Dr. Pinto de Matos, em representação da municipalidade, Gerhard Kasper, do «Secretariado da Liga para Amizade com os Povos Estrangeiros», da R.D.A., Karlheinz Barck, especialista em línguas românicas, membro da Academia de Ciências da R.D.A., e grande amigo do nosso país, que serviu de intérprete, e pelo chefe da Delegação, Engenheiro Eric Markowitsch, Director-Geral da Siderurgia e vice-presidente do «Comité Antifascista da R.D.A.».

Interviu, em primeiro lugar, Manuel Nunes, que fez uma curta resenha do papel relevante desempenhado pela R.D.A. na comunidade Socialista. Seguiu-se o Dr. Pinto de Matos, que, num breve improviso, exaltou o papel dos «autênticos alemães» na luta contra o fascismo e expendeu alguns considerandos sobre o paralelismo da luta antifascista da R.D.A. e no nosso país.

Depois, Erich Markowitsch referiu-se ao significado e objecto da Sessão, historiando o papel do seu país na luta contra o fasci-nazismo, e situando-o no panorama geral das lutas antifascistas.

Tivemos, em seguida, um precioso período de esclarecimento, em que, quer um quer outro dos elementos da Delegação dissecaram cientificamente todos os problemas que lhes foram postos. E, diga-se de passo, os temas discutidos foram real-

mente aliciantes: Desde o clássico cavalo de batalha do «Muro de Berlim», passando pelos tipos de sabotagem económica a que a R.D.A. esteve sujeita, durante a primeira fase da construção socialista, alguns aspectos do papel da mulher numa sociedade socialista, até à desmistificação do espantoso do «Capitalismo de Estado» com que muitos detractores tentam diminuir as potencialidades dos países socialistas de Leste, inúmeras questões foram postas e respondidas com notável precisão, imparcialidade e acuidade analítica, sendo de realçar, sobretudo, a objectividade da exposição, a profusão de dados de que Kasper se mostrou possuidor, a experiência política revelada por Markowitsch e o domínio da nossa língua por parte de K. Barck.

Num próximo artigo, pensamos analisar o teor das respostas dadas nesta sessão, pois a falta de espaço não nos permite fazê-lo neste número.

Queremos, ainda, fazer referência ao autêntico trabalho de maratona realizado pela Delegação da R.D.A.. Depois de, no dia anterior, ter estado presente numa sessão promovida pelo M.F.A., no norte, realizou na quarta-feira, à tarde, no «Centro de Trabalho do P.C.P., de Espinho» uma sessão informal de esclarecimento para os militantes comunistas. Após a sessão da noite, na Piscina, que terminou por volta da 1 hora e 30 minutos, escasso repouso teve no hotel, pois os três camaradas da R.D.A. tiveram de levantar-se às 6 horas para embarcar no foguete para Lisboa, dado que tinham uma entrevista com Álvaro Cunhal, à tarde, e estiveram presentes no sarau comemorativo a que, à noite presidiu Vasco Gonçalves. E, logo no dia seguinte, tivemos o prazer de contemplá-los na T.V., versando, entre outros, temas relativos ao ensino na R.D.A..

Assim se vê que a vida dos dirigentes dos Estados Socialistas de Leste não é positivamente um mar de rosas, embora a satisfação do dever cumprido — e bem cumprido! — seja um imperativo das suas consciências!

Domingo, dia feriado

(Continuação da 1.ª pág.)

quo desejo de abalar para ilhas desertas por descobrir. E a cara-metade, ao lado, rressona.

Os cafés continuam cheios. É hora de tomar o galão e a torrada dominical, ritual antigo de todo o pequeno-burguês que se preze. Há os que lá passam toda a tarde e vêem-se imagens simultaneamente ternas e ridículas — enquanto ele ouve o relato, com o transistor encostado ao ouvido, ela lê, ela lê com o olhar sonhador uma fotonovela necessariamente cor-de-rosa. Ao fim da tarde é a debandada colectiva, o momento de reencontro com a realidade concreta da vida diária. O domingo morre nos gestos agora mais pesados dos que regressam à casa de todos os dias.

Domingo, dia de repouso. Domingo igual a todos os que se vêm vivido. Aparentemente nada de novo. Nada que faça notar o novo clima que se vive. Para quando uma redefinição do autêntico aproveitamento dos períodos de lazer? Não um repouso feito... de nada fazer, mas que participe, ainda, da luta efectiva por um país novo.

É preciso encontrar novas soluções para se ocupar um tempo livre que não se justifica já que se processe como até aqui. O tempo livre pode e deve ser também tempo de reflexão, de enriquecimento e de participação na criação de um País novo.

A. S.

A N T A

OS SEUS QUÊS E PORQUÊS

Talvez vá sendo tempo de perguntar quando é que os habitantes do términus da estrada N. 326, no lado poente desta freguesia, podem abrir as janelas das suas casas sem o inconveniente de no seu interior tudo se cobrir de poeira e das centenas de pessoas que nela transitam, num e noutro sentido, podem andar com os olhos abertos sempre que esteja vento ou passe algum veículo e até tenham dificuldade em desviar-se.

Há 7 meses que nela se abriram sulcos com vista ao saneamento, instalaram-se os condutores e cobriram-se com a terra retirada, o que leva a crer que o responsável ou responsáveis ainda julgam insuficiente o tempo para o conveniente recalque de modo a ordenar a respectiva betuminização.

Positivamente discordamos dos métodos das pessoas ou entidades que protelam a conclusão de trabalhos, sobretudo quando o dispêndio da verba para o efeito é de «lana-caprina».

Já que falamos neste troço de es-

trada não podemos deixar de referir o mau trabalho na intercepção com a rua 32, pois que, quando se impunha a reprodução do lado sul do raio da curva já existente do lado norte, optou-se por um Joelho, que para além de constituir uma autêntica aberração estética, impõe aos condutores em especial de camionetes, ao entrarem na N. 326 usarem um cuidado para não fazerem cócegas ao muro (dum lado) ou ao poste (do outro) o que já não é novidade.

Tudo isto diz da pequenez de quem decide, que só para manter o poste onde já se encontrava e (talvez) sacrificar uma árvore, se lega à posteridade o que ela e não só ela, considera inconcebível. Os traçados e alinhamentos não podem nem devem continuar à mercê de caprichos de quem define ou de interessados na definição, sobretudo quando há sobreposição de interesses que prejudiquem o interesse real e geral.

A. O. e S.

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805 Rua 11-877

ESPINHO

DR.ª EMILIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

José Luís F. Barbosa

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças dos ossos e Articulações
Consultas todas as 3.ªs-feiras a partir das 14 horas, na Policlínica do Dr. Miranda Valente — Rua 31 n.º 321 — Espinho — Telefone 920689, p. f. marcar consulta.

DEFESA DE ESPINHO

SEMÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

REDACÇÃO

ALEXANDRE FALCAO
FAUSTO NEVES
JOSÉ JOÃO MAIA
JOSÉ PINTO
MORAIS GAIO
NUNO BARBOSA
VÍTOR SOUSA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA DE
PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

Redacção e Administração

RUA 19 — N.º 62

TELEFONE, 921525

AVENÇADO

Composição e Impressão

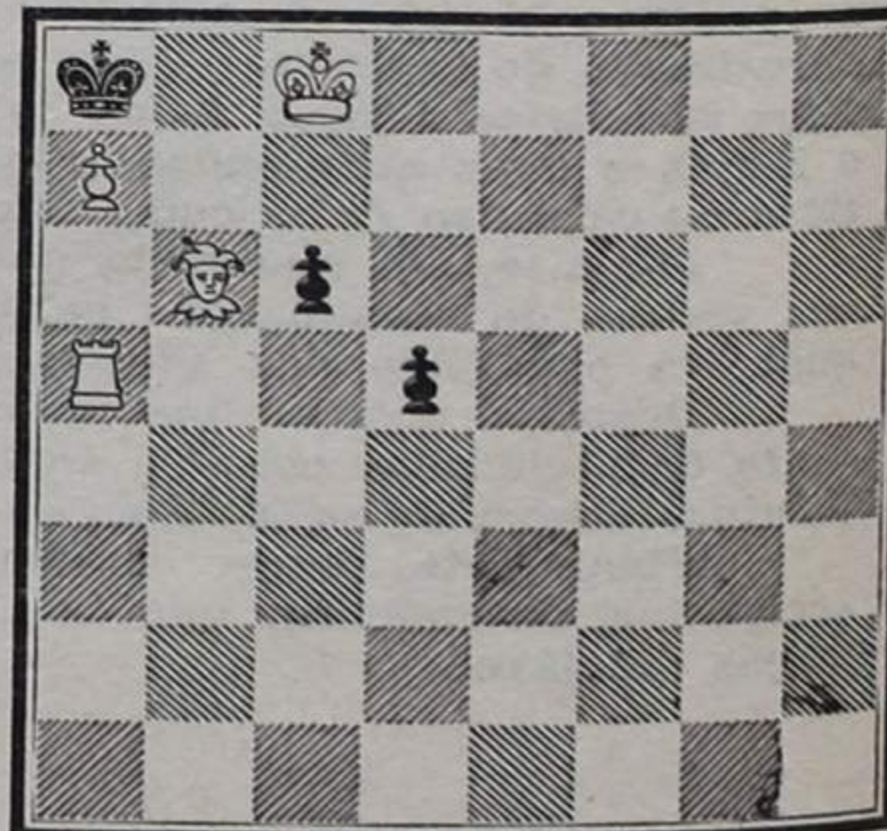
OFICINAS GRÁFICAS DA
CASA NUN'ALVARES

Rua de Santa Catarina, 630

PORTO

XADREZ

PROBLEMA N.º 10



As brancas jogam e dão mate em 3 lances.

A solução vale 10 pontos.

A solução do Problema N.º 9 é a seguinte:

1. Ca3, Rd7; 2. Cc4, SeRxc; 3. Bg4+7. — Se 2... Rc6 ou e 8; 3. Ba4+7.

NOTÍCIAS DA CIDADE

Agenda

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

AGRADECIMENTO

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Espinho vem, por este meio, prestar público agradecimento às Comissões de Recenseamento e Mesas das Secções de Voto pelo elevado espírito cívico revelado em todo o processo que conduziu ao bom êxito da eleição para a Assembleia Constituinte, às Direcções dos estabelecimentos escolares, Comissões Paroquiais, Tuna Musical de Anta e entidades particulares que cederam locais para o funcionamento das secções de voto e reconhecimento pela boa colaboração prestada.

Ao Povo do nosso concelho — de que todos fazemos parte — a satisfação pela magnífica lição de cidadania.

Espinho, 13 de Maio de 1975.

VEÍCULOS EM BOLANDAS

Uma das pragas do nosso tempo é o furto de veículos accionados por motores a gasolina, sejam eles de duas ou de quatro rodas, porque a pata é que ninguém gosta de andar. Assim quando há impossibilidade de um fulano se deslocar em propriedade sua, vá de apoderar-se do alheio, que tem a vantagem de sair mais barato. Mais uma série de proezas temos hoje para referir, a começar com uma motorizada 1-OAZ-68-48, recuperada em Espinho no dia 6 por um agente da P.S.P., um colega do qual, no dia 10, veio a recuperar outra bicicleta a motor, a 1-ESP-72-92, que fora furtada a Joaquim Fernando Moreira e já não chegou às mãos do dono com todas as peças. No dia 11 andou Ramiro de Sá Couto cheio de sorte pois a tentativa de roubo do seu auto BN-47-74 saiu gorada, por ter a direcção fechada, sem que, no entanto, isso obstasse a que os malfadados gatunos o danificassem. No mesmo dia, em Estrada, Paramos, «foi-se» o RR-96-35, pertencente a Pedro Manuel Batista Oliveira. Para fecho deste rol nada simpático, um fim feliz a cinema dolcicoce, com a recuperação, por um agente da P.S.P., do automóvel MR-57-13, que havia sido roubado em S. João da Madeira.

CUIDADOS CONTRA A CÓLERA

A sua vida e a dos seus familiares pode depender desta leitura

- 1—Lavagem cuidadosa das mãos com água e sabão antes de cada refeição e depois de utilizar as instalações sanitárias.
- 2—No caso de não existirem instalações sanitárias ligadas à rede de esgotos e remoção diária de lixo, promover a desinfectação diária destes e das fezes.
- 3—Utilizar como água de alimentação e preparação de alimentos somente aquela que ofereça garantias absolutas de potabilidade. Na falta de rede pública de distribuição de água, deve ferver-se esta previamente.
- 4—A água utilizada para fins domésticos (lavagem de utensílios de cozinha, de roupa, etc.) deve igualmente ser potável. Na sua falta, empregá-la depois de fervida.
- 5—Manter os alimentos, depois de cozinhados, bem resguardados de poeiras e de moscas.
- 6—O leite não pasteurizado deve ser fervido.
- 7—Evitar o consumo de gelo, gelados, bolos com creme, «maioneses», etc., particularmente em dias quentes, desde que não provenham de instalações industriais oficialmente reconhecidas.
- 8—Evitar tomar banhos em rios ou praias situadas nas proximidades de esgotos ou em piscinas que não tenham renovação e desinfectação da água.
- 9—Evitar o consumo de frutas, vegetais e outros alimentos que habitualmente são ingeridos crus.
- 10—Não utilizar as águas sujas, de fossas ou da rede de esgotos na rega de hortas.

A DEFESA precisa de mais assinantes

UM ACESSO À CIDADE

A visão de um antigo Presidente da Câmara levou a que fosse rasgada a rua 33, que hoje constitui um dos acessos mais movimentados que a nossa cidade tem. Quem a Espinho vem de leste, utiliza-a com imensas vantagens, porque se trata de uma via bastante larga e airosa. Pena é que, um pouco por defeito dos particulares, um pouco por defeito dos serviços municipais, se esteja a descurar tanto a limpeza das bermas e dos terrenos que ladeiam a maior das artérias de Espinho. Com efeito a natureza ali, nas parcelas de terreno não edificadas, é deixada à rédea solta, crescendo anarquicamente as silvas e quejandas verduras, onde proliferam os animais que nestes pequenos caos costumam medrar. E não há enxada que desbrave aqueles solos e aniquile tanta plantação daninha, que à beleza nada merece. Ora parece que já seria tempo de olhar por este estado de coisas, até para que se não pense que Espinho é terreno baldio.

RADIORRASTREIO

Conforme o programa superiormente aprovado para o radiorastreio dos empregados dos géneros alimentícios, desloca-se a Espinho, para funcionar nos horários que seguidamente se indicam, o Serviço de Radiorastreio (Micro-radiografia). Os interessados deverão identificar-se com o respectivo bilhete de identidade ou o boletim sanitário que pretendem actualizar. Simultaneamente proceder-se-á ao radiorastreio de toda a população de idade superior a 12 anos, entre os dias 20 e 22 do mês corrente. Na cidade o aparelho de micro-radiografia estará instalado no quartel dos Bombeiros Voluntários Espinhenses e funcionará nas freguesias nos locais que a seguir mencionam.

Dia 17, a partir das 9,30 horas, em Praia, Paramos, para boletins de sanidade e particulares;
Dia 19, a partir das 9,30 horas em Silvalde, para o mesmo efeito, e a partir das 14,30 horas em Espinho na Fábrica Lopes da Cruz;
Dias 20 a 22, em Espinho, para boletins de sanidade e particulares;
Dias 26 e 27, no Bairro Piscatório de Espinho para a população.

Agradecimento

ROSA RODRIGUES DE OLIVEIRA

A família de Rosa Rodrigues de Oliveira reconhecida agradece a todas as pessoas que se dignaram assistir ao doloroso acto.

Seus Filhos, nora e netos

Lugar da Quinta — Anta Espinho

ANDAR

Vende-se em prédio novo com quatro assoalhados, quarto de arrumos, dois quartos de banho, cozinha com móveis e garagem
Rua 25 n.º 687-1.º Espinho
Isento de Sisa. Trata pelo Telefone 920 502 das 9 às 19 horas

VENDE-SE

CASA em ESPINHO
Res-do-chão e 1.º andar
Na Rua 16 entre as ruas 15 e 62
Falar a José Oliveira - Telef. 920093

NÓDOAS CIDADINAS

Quem se der ao cuidado de fazer uma pequena volta pela cidade, e deitar um olhar atento ao que existe à sua volta, topará com uma apreciável quantidade de terrenos vazios e não murados, que nenhuma outra utilidade têm senão a de servirem de vazadouro à mais variada espécie de detritos e imundices. Os seus proprietários, por espírito de economia ou de simples não-te-rais, não ligam importância nenhuma à vedação que deveriam mandar erguer e tacitamente autorizam que os seus terrenos constituam autênticas nódoas no xadrez citadino. Talvez seja altura de impor aos negligentes donos desses terrenos a devida vedação ou então promover que medidas mais drásticas sejam adoptadas e que levem os proprietários a futuros e irremediáveis arrendamentos de não fazerem atempadamente o que lhes compete.

ACADEMIA DE MÚSICA

Instituto Francês do Porto

(Academia de Música)

Comunica-se a todos os alunos da Academia que frequentam o Instituto Francês que os testes do 3.º trimestre tem o seguinte horário:

Sábado, 17 de Maio — 4.º ano das 16 às 18 horas.

4.ª-feira, 21 — 2.º ano das 19,15 às 18 horas;

Sábado, 24 — 3.º ano das 16,30 às 18 horas.

4.ª-feira, 28 — 1.º ano das 18 às 19 horas.

4.ª-feira, 4 de Junho — 5.º ano das 17,45 às 21 horas.

DO HOSPITAL

MOVIMENTO DE 6/5/1975 A 13/5/1975

Internamentos Gerais	52
Exames Radiográficos	176
Crianças Nascidas	23

Intervenções Cirúrgicas

Urologia	3
Oftalmologia	1
Obstetria	2
Cirurgia Geral	19
Ortopedia	2
Otorrino	19

Serviço de Urgência

Homens	171
Mulheres	191

Internamentos Gerais (entre outros)

Maria Isabel Teixeira, de Espinho, para Obstetria; Maria Estela Mota Leite Coelho, de Grijó, para Obstetria.

EXPLICAÇÕES

Ensino Liceal ou Técnico

(Disciplinas de Ciências)

Telefone 922 432

Excursão ao Brasil

Nos dias 26 de Junho e 26 de Julho
Trata:

«AGÊNCIA SEGURADORA»
de J. Correia Leite
Telef. 967850 e 967109
Paços de Brandão

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

2.º TURNO

Hoje, Sábado, — FARMÁCIA TEIXEIRA, Rua 19, n.º 46 — Telefone 920352;
Amanhã, Domingo — FARMÁCIA SANTOS, Rua 19, n.º 263 — Telefone, 920331;
Segunda-feira — FARMÁCIA PAIVA, Rua 19, n.º 319 — Telefone, 920250;
Terça-feira — FARMÁCIA HIGIENE — Rua 19, n.º 393 — Telefone, 920320;
Quarta-feira — GRANDE FARMÁCIA — Rua 62, n.º 467 — Telefone, 920092;
Quinta-feira — FARMÁCIA TEIXEIRA — Rua 19, n.º 46 — Telefone, 920352;
Sexta-feira — FARMÁCIA SANTOS — Rua 19, n.º 263 — Telefone 920331.

CINEMAS

S. PEDRO

Hoje, sábado, 17 — O PADRINHO DE HARLEM, com Fred Williamson e Gloria Hendry — 18 anos.

Amanhã, domingo, 18 — BOB & CAROL & TED & ALICE, com Natalie Wood e Robert Culp — 18 anos.

Terça-feira, 20 — O REGRESSO DE ALELUIA, com George Hilton e Agata Flori — 10 anos.

Quinta-feira, 22 — TESTEMUNHA INCONSCIENTE, com Susan Scott e Simon Androu — 18 anos.

Sexta-feira 23 — ESCÂNDALO DE UM CRIME, com Enrico Maria Salerno e Mariangela Melato — 18 anos.

CASINO

Hoje, sábado, 17 — UMA JOVEM COMO EU — 18 anos.

Amanhã, domingo, 18 — CASAMENTO EM BRANCO, com Donald Pleasence e Carol Kane — 18 anos.

Segunda-feira, 19 — UMA BELA PARÍGIA, com Bernardette Lafont e Claude Brasseur — 18 anos.

Quarta-feira, 21 — OS LAÇOS DO MATRIMÓNIO, com Alberto Sordi e Monica Vitti — 13 anos.

Sexta-feira, 23 — ADULTÉRIO À ITALIANA, com Nino Manfredi e Catherine Spaak — 18 anos.

FALECIMENTOS

D. Manuela Marques Mano Amorim de Lemos Macedo

No passado dia 8 do corrente, faleceu nesta cidade a sr.ª D. Manuela Marques Mano Amorim de Lemos Macedo, de 66 anos de idade, viúva do sr. José Alves Macedo, irmã da sr.ª D. Maria Margarida Marques Mano Beleza, cunhada do sr. Álvaro dos Santos Beleza e tia da sr.ª D. Georgina Manuel Manta Santos Beleza e do sr. José Antonino Amorim dos Santos Beleza.

O funeral teve lugar no dia seguinte da Igreja Matriz ao cemitério municipal.

D. Ermelinda Rodrigues da Silva

Faleceu também nesta cidade no dia 12 do corrente, a sr.ª D. Ermelinda Rodrigues da Silva, de 62 anos de idade, viúva do sr. Herculano Pereira de Brito, mãe da sr.ª D. Jeni Brito e do sr. Vítor da Silva Brito e sogra da sr.ª D. Lucinda Amélia Brito e do sr. António de Sousa Pinto.

O funeral realizou-se, no dia imediato, da Igreja Matriz para o cemitério municipal. As famílias enlutadas endereçamos as nossas sentidas condolências.

Também faleceram:

Em Espinho:

Ana Emília, de 87 anos, viúva de Manuel dos Santos.

Em Anta:

Rosa Rodrigues de Oliveira, de 85 anos, viúva de Alberto Francisco Duarte.

CASAMENTOS

Na Igreja de Espinho:

Aníbal Bastos de Oliveira com Ana Dias Salvador.

Na Igreja de Silvalde:

Manuel da Silva Gomes com Maria Alves da Rocha.

DEBATE

Apontamentos sobre a moral e a repressão

«Na produção social da sua existência, os homens entram em determinadas relações, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a um dado grau de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção constitui a estrutura económica da sociedade, a base real sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciências social. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que lhes determina o ser; pelo contrário é o seu ser social que lhes determina a consciência». (K. Marx, Contribuição para a Crítica da Economia Política).

Como podemos ver, a moral é uma dessas formas de consciências social, um conjunto de ideias, conceitos ou normas, próprios de cada época ou estágio de desenvolvimento da sociedade. Será portanto evidente, que num sistema económico que assenta na apropriação e gestão, por parte de uma minoria, dos bens produzidos pela maioria trabalhadora, não exista uma moral que contradiga os seus fundamentos, antes pelo contrário.

1 — É assim que vemos, hoje, ainda, em Portugal, serem desvirtuados determinados factos ou maneiras de agir porque são «morais» ou «não respeitam as mais elementares normas de conduta», sem que essas vozes se levantem contra as desigualdades criadas pelo sistema que produz a moral que eles invocam.

Também não pretendo dizer que todos os actos «morais» sejam correctos, só que o critério de avaliação não deverá ser o da moral mas sim o da eficácia revolucionária.

2 — Um dos aspectos em que a moral dominante impõe mais tabus e melhor falseia a realidade, deve ser o sexual e familiar. Começa pela discriminação entre os sexos: em 1970, 84% dos homens e apenas 27% das mulheres exerciam uma actividade remunerada em Portugal, acrescentando-se a isto os mais baixos salários pagos à mulher para o mesmo trabalho e a quase ausência de mulheres em cargos de direcção ou gestão. E isto porquê? Segundo a moral dominante «ao homem compete o trabalho, a produção, a defesa da Pátria; à mulher, a maternidade, o lar, as obras piás, a ambos: a família, cujo «chefe» é, por lei, o homem» (1).

A família tem sido, em Portugal, uma função essencial na manutenção da estrutura social. Vejamos como: ao homem trabalhador compete, na família, a gestão, a decisão, o poder, autoridade essa que lhe é conferida por lei e reforçada com o facto de ser ele que recebe o salário ou seja: que detém na família o poderio económico. «Enquanto isso, a mulher trabalha tantas ou mais horas, sem que isso acrescente um tostão ao «Produto Nacional Bruto», porque numa sociedade mercantil, só tem valor o que se pode vender no mercado, o trabalho da mulher, destina-se a contribuir para a reprodução da força de trabalho do marido e da força de trabalho social (através da produção de filhos)» (2). A ideologia da propriedade privada é assim reflectida a nível familiar onde o homem estabelece de dominação e apropriação. E já que a mesma moral atribui um papel importante aos pais, na educação dos seus filhos, essa é mais uma das formas de reprodução da ideologia dominante.

3 — Não só ao nível individual, nas relações homem/mulher a moral impõe normas (o recato e a virgindade femininas) e proibições (concepção, aborto, a prática sexual pré-matrimonial, etc.) enquanto permite, ou fecha os olhos, à prostituição (relação sexual mercantil). Mas porque será isto tão importante para a conservação de uma dada estrutura social? «O prazer, com as suas componentes física, afectiva, etc., é em si mesmo e na ausência de relações de submissão, uma afirmação suprema de liberdade e, como tal, eminentemente «subversivo» (sendo entrega mútua, é o acto por excelência no mercantil).

O homem/mulher que conhece o prazer, não pode deixar de aspirar a uma total libertação: ao destruir os tabus sexuais, que negam o prazer para o substituir pela primazia da «procriação» está-se a começar uma obra de demolição que pode ameaçar os fundamentos da ORDEM» (3).

É também a necessidade de submeter o homem, durante o trabalho, a uma disciplina repressiva e em função de uma adaptação a este trabalho, que a moral e ideologia dominantes impõem todas as suas restrições e consequente aspiração à libertação total.

4 — Logo após a revolução russa de 1917, juntamente com modificações radicais na estrutura social, deram-se inovações revolucionárias no aspecto sexual e moral: desde o casamento tácito, a legalização do aborto, a divulgação livre de meios contraceptivos, a legalização imediata de todos os recém-nascidos, abolindo-se praticamente a palavra «ilegítimo», até à educação sexual nas escolas, a supressão da prostituição e as severas sanções por abuso e desrespeito. De maneira nenhuma reinava o caos, apenas a liberdade. Nunca algum país teve, até hoje, leis tão avançadas.

Poucos anos depois, começa a assistir-se a uma progressiva revolução dessas leis, o que está directamente ligado a modificações ao nível material, económico, na sociedade, até que em 1959, no seu livro: «Problemas da Educação Sexual» podemos admirar-nos com as «sábias» palavras do Dr. Atarov «médico de mérito da República Socialista Russa»: «Alguns jovens entendem que, desde que exista o desejo sexual, ele deve ser satisfeito, que a castidade é má e contrária às leis da biologia. A ciência médica rejeita completamente esta teoria. Jamais alguma doença foi causada pela castidade que é completamente inofensiva, não somente para os jovens, como também para os adultos». E, noutro passo: «Deviam proibir-se aos jovens certas actividades: eles não deviam servir em cafés, restaurantes, ou bares. O ambiente destes sítios, com a entrada e saída constante de todo o género de pessoas, não é aconselhável e pode encorajar os jovens a contrair relações pré-matrimoniais» (4). Acho desnecessária citar mais puritanismos burgueses dignos do século dezanove; é de salientar que do livro do Dr. Atarov se venderam cerca de cem mil exemplares em poucos dias.

Se a moral é uma superestrutura determinada pela infra-estrutura material e económica, quer dizer da infra-estrutura socialista russa? Bem, é necessário dizer que as ideias do Dr. Atarov não coincidem implicitamente com as da moral russa; de qualquer modo constituem um facto significativo.

O panorama da China, neste aspecto, não é mais animador, pelo contrário: «a propaganda oficial incita as raparigas a não se casarem antes dos 25 anos e os rapazes antes dos 28. É formalmente interdito a um homem e uma mulher não casados viverem sob o mesmo tecto. Nenhuma manifestação cultural aborda a sexualidade» (5).

Mas isto levanta toda uma série de problemas acerca do processo evolutivo das revoluções ditas socialistas que até hoje se deram e do carácter económico e social das sociedades onde elas se verificaram. São problemas que não cabem neste artigo mas que estarei disposto a debater.

NOTAS:

(1), (2), (3) Cf. João Martins Pereira — Indústria, Ideologia e Quotidiano; ed. Afrontamento.

(4) C. Castoriadis — La société bureaucratique — 2 Col. 10/18.

(5) Luta de classes na China — Ed. Espaço.

A. SALVADOR

Centro de Enfermagem de Espinho

Todos os serviços de enfermagem oxigénio, camas articuladas, etc.

Ambulâncias com oxigénio para transporte de doentes

Horário das 9 às 12 e das 14 às 20 h.

Telef. 921587 (das 9 às 20 h.)

Telefone de urgência 922329

Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

ERA BRANDA A DITADURA...

Freitas do Amaral, leader do Partido do Centro Democrático Social, foi entrevistado por «Panorama», revista italiana, e a uma pergunta por que razão durante meio século de ditadura nenhum daqueles que se consideram democratas jamais combateu o regime, disse, sem tirar nem pôr:

«A ditadura portuguesa era muito branda, a ponto de não suscitar a oposição popular, com excepção dos comunistas e de alguns socialistas.»

Quanto às torturas da Pide, respondeu Freitas do Amaral, a uma pergunta que lhe foi feita:

«Condeno-as. Mas limitaram-se apenas a poucos elementos obstinados.»

Que o digam o forte de Caxias, o forte de Peniche, o Tarrafal e outros que nos abstemos de enumerar.

Os comentários das afirmações de Freitas do Amaral, endereçamo-los ao nosso leitor, perspicaz e atento aos acontecimentos que no nosso País se desenrolaram durante quase meio século — uma geração!

(do «Comércio da Póvoa do Varzim»)

RASCUNHOS

Puseram-me à frente um quadrado de madeira, onde estavam desenhados 84 quadrados mais pequenos, uns cor negra e outros brancos, numa integração rática comvente. E disseram-me que aqui se colocavam variadas estatuetzinhas, comandadas por um par real importantíssimo, em que a rainha tinha muito maior liberdade que o seu consorte, que era o alvo impiedosamente perseguido por todas as estatuetzinhas que estavam dispostas na outra extremidade do tabuleiro. A minha simpatia ia inteirinha para os cavalos, que andavam duas casas numa direcção e faziam um quarto de volta para outra casa pegada à última.

Inteirado do abc dos movimentos e do que era um cheque pastor e mai-los roques e outros truques, veio-me a mania de jogar xadrez. Que até era uma coisa que ficava bem. Dava um certo ar de intelectual. Não gostando do dominó nem do poker de dados, até porque me escasseavam os carcanhois que sempre se arriscavam nestas jogatanas de mesa do café, atrevia-me a dar pratos de polé aos bispos e às torres.

No verão tinha um companheiro constante, meu parceiro do colégio e dos derriços amorudos. Amigos como

éramos, nos momentos mortos da sesta lá íamos até ao Costa Verde fazer o nosso pé de escaquista, convictos de que éramos umas barras da coisa. Um dia, quando estávamos engolfados numa renhídisima e não menos categorizada disputa, alguém parou ao nosso lado. Olhamo-lo. Era um moço que, então, era o menino prodígio do xadrez nacional — o João Mário Ribeiro. Baixamos os olhos para o tabuleiro. Voltamos a erguê-los para o nosso único assistente. Desviamos-os dele para nos fitarmos um ao outro. Uma mirada saudosa para as pedras sabiamente distribuídas pelos quadradinhos negros e brancos. E as nossas mãos a derrotar impiedosamente reis e rainhas, bispos e peões, torres e cavalos. Nunca mais joguei xadrez, até porque era muito movimento para a minha cabeça.

Lembrei-me deste episódio da minha vida de menino e moço ao olhar para dois dos mais recentes problemas publicados no nosso jornal. Problemas que me fizeram irritar. Porque as brancas jogavam. Porque as brancas eram muitas. Porque o rei preto era um só. Uma autêntica covardia tanta gente a bater num monarca só...

C. P. M.

NOTA DA REDACÇÃO

Pedimos a todos os nossos colaboradores o favor de, quando nos enviarem artigos se identifiquem, de modo a que os possamos publicar. Parece-nos indiscutível que não poderemos, de forma alguma, expender no nosso jornal opiniões anónimas. Por isso, pedimos aos leitores que já nos mandaram colaboração anónima e aos que futuramente o possam vir a fazer o favor de se identificarem.

Desde já esclarecemos que toda a colaboração é bem vinda!

VENDEM-SE EM ESPINHO

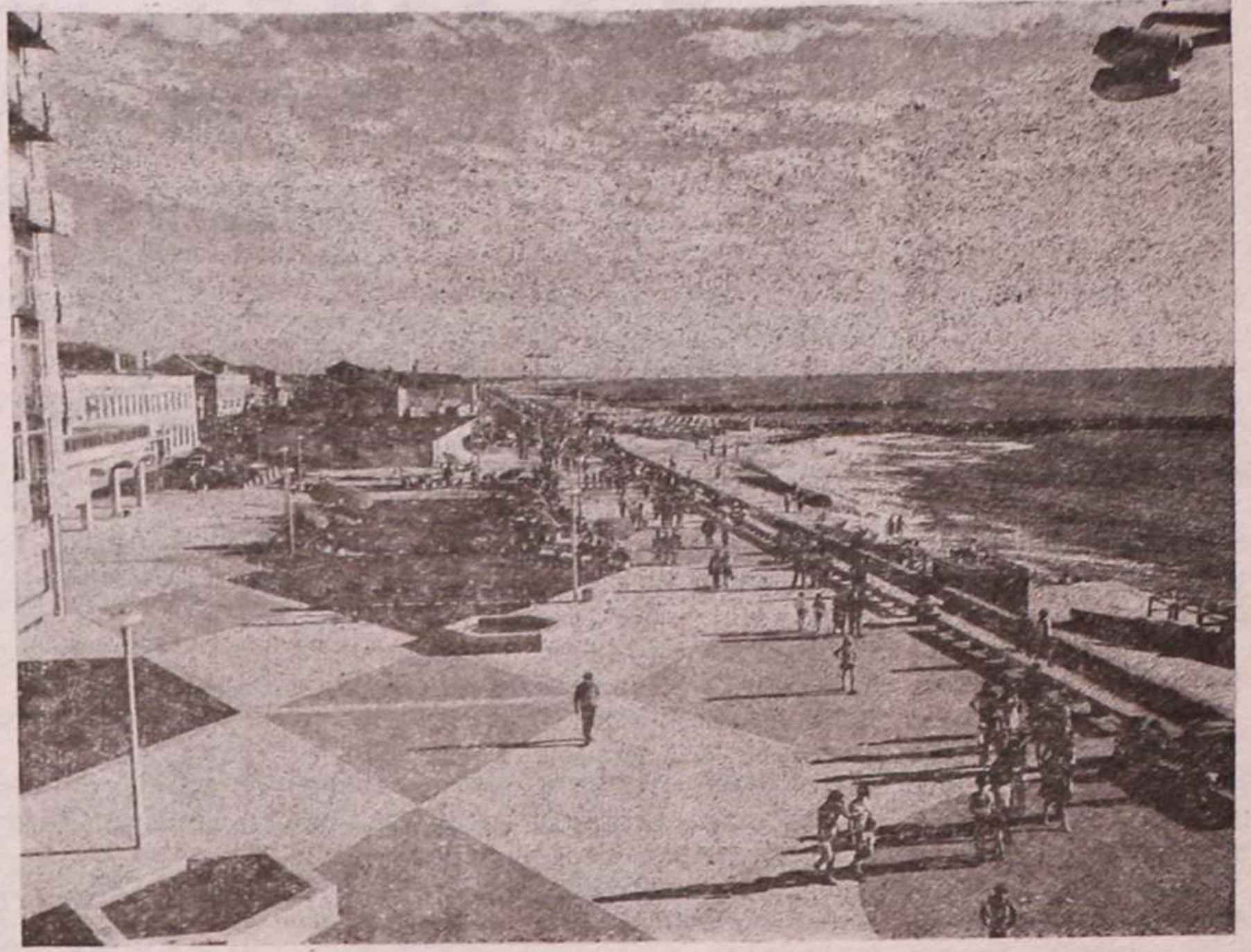
Prédio no ângulo das ruas 14 e 35 (com 2 habitações e águas furtadas, armazém, garagem e terreno para outra construção)

Prédio na rua 19 e frente para a rua 21 (com três pavimentos, onde está instalada a casa Sobral)

Dois talhões de terrenos para construção na zona do Colégio Feminino de Espinho na Rua 33

Informa P. F. Joaquim J. M. Ribeiro — Rua 19 N.º 192 Sala C-1.º — ESPINHO

O TURISMO EM MESA REDONDA (1)



O turismo em Portugal e particularmente em Espinho terá necessariamente de ser revisto nos seus processos e objectivos de modo que se venha a integrar como actividade efectivamente válida na nova sociedade a construir e para a sua reformulação não serão demasiados todos contributos que se pretendam dar para que os seus resultados intervenham positivamente na reconstrução nacional. Porque julgámos que o assunto é pertinente e porque a aproximação do Verão numa cidade que se vem dizendo decididamente voltada para o turismo justificaria um apelo para a sua reflexão, tomámos a iniciativa de convidar algumas pessoas que em Espinho desempenham actividades de algum modo ligadas ao nosso tema de hoje.

Nesse sentido, contámos com os senhores Dr. Pinto de Matos, Artur Bártolo e Augusto Mota da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Espinho (sendo o último vereador do Turismo que integra a Comissão de Festas), António Américo, banheiro da nossa praia, António Sá, representando a Solverde, Salvador Araújo, chefe de mesa do Hotel Praia Golfe e Eugénio Morais pela Comissão de Festas de Espinho. Joaquim Fidalgo e Vitor Sousa, representaram a «Defesa de Espinho» na mesa redonda de que passamos a dar um relato circunstanciado:

D. E. — É nosso propósito suscitar aqui um debate amplo sobre o turismo em Espinho, relacionando-o com o turismo a nível nacional. Parece-nos que o turismo deverá ser encarado «a priori» como uma actividade não directamente produtiva, pelo menos se for mal conduzido, e o problema agravar-se-á se a essa má orientação estiver ligada, como é o caso, uma larga mobilização de meios de produção. Pretendeu-se em Portugal criar um turismo para elites, cujo único aspecto positivo seria a captação de divisas estrangeiras. Contrapondo, ter-se-á de promover intensamente o turismo social, dando às classes produtoras a possibilidade de usufruírem em melhores condições dos seus tempos livres. Isto trará benefícios, inclusivamente, no nível de produção dessas camadas trabalhadoras. Posto este problema a nível nacional, haverá que o adaptar também às condições concretas de Espinho, terra tradicionalmente considerada «de turismo». Isto custa o seu preço, que convém analisar.

TURISMO INTERNO E TURISMO EXTERNO

A. B. — Há que fazer uma distinção entre o turismo para conquistar divisas e o turismo para as massas trabalhadoras. Num contexto económico como o nosso, com uma balança comercial deficitária em mais de setenta milhões de contos, há que conseguir em algum lado o capital para equilibrar este défice. Ora têm-nos valido para isso as remessas dos emigrantes (trinta milhões de contos) e as divisas dos turistas (uns vinte milhões de contos). Não parece, pois, de aconselhar o desprezo pelo turismo, como mercadoria para vender a estrangeiros. O país precisa dessas divisas. E o governo está empenhadíssimo em desenvolver um turismo para conseguir tais divisas, já que se trata de uma batalha de vida ou de morte para Portugal. Isto não impede que se conjugue, como se faz nos países socialistas, com um turismo interno, social. O turismo feito até agora era para elites e prejudicial ao país. O estrangeiro vinha a Portugal comer produtos muito mais baratos que no seu país, e nós tínhamos que importar esses produtos para lhes fornecermos. Em vez de vendermos os excedentes aqui produzidos, tínhamos de

comprar ao estrangeiro, para depois lhe vender aqui. Esse turismo sumptuário de que é exemplo o Praia Golfe, com uma taxa de ocupação reduzida e no qual se investiram tantos milhares de contos, certamente não interessa.

P. M. — Convém encarar este aspecto a nível internacional. A má política aqui seguida conduziu a que os estrangeiros procurem mais a Espanha e a Itália, onde se vende turismo muito mais barato. Quanto a Espinho, julgo que se terá perdido 90% da capacidade turística. E hoje tem, por isso, uma economia e vida social totalmente orientadas noutro sentido. Claro que Espinho pode voltar a ser aproveitado em maior escala como zona turística. Para isso tem que se pensar no desenvolvimento de praias, quer a norte, quer a sul. Além disso, há que olhar para o Praia Golfe, que tem estado sub-ocupado, sub-aproveitado. Há, no entanto, zonas em Portugal incomparavelmente mais propícias.

D. E. — Entretanto, parece que se insiste em considerar Espinho exactamente como zona turística...

P. M. — Parece que sim. Aliás, há que referir um aspecto importante, que é o casino. Mas esse é um problema até de ordem moral, que talvez não seja chamada para aqui.

O CASINO E A CONCESSÃO

D. E. — Parece importante, contudo, que a vida turística de Espinho tem gravitado à volta do Casino. Este, por sua vez, é explorado por uma empresa de turismo importante que é a Solverde. Ora nós estamos a falar de turismo social e vemos a Solverde apoiada num Casino, que é para turistas de elite, vemos a sua proposta de adjudicação de que constam a construção de um hotel de três estrelas, melhoramentos no golfe, igualmente de elites muito restritas, um ancoradouro para barcos de recreio, apartamentos turísticos, etc.. Até que ponto é que a Solverde, como força poderosa do turismo espinhense, se poderá inserir, também num turismo social e num turismo de massas?

A. B. — Parece que há aí uma certa precipitação. O Casino estava inserido num determinado condicionalismo anterior ao 25 de Abril, que obrigava a Solverde a apresentar uma proposta naqueles termos. Ora estou em crer que a Solverde, como empresa, não terá dúvidas nenhuma em alterar essas obrigações. O que lhe interessa fundamentalmente é a concessão do Casino. Actualmente as coisas têm de se processar em moldes diferentes, como já está a acontecer com o Casino da Póvoa do Varzim.

A. S. — Quero adiantar que nessa altura a Solverde integrou na sua proposta uma verba de milhares de contos a fornecer ao Fundo de Turismo, assim como parques, piscinas, etc.. Quanto às outras obras projectadas, talvez se deva saber que o Casino, logo após o 25 de Abril, propôs ao Estado uma revisão do contrato de modo a ficar totalmente integrado no momento que vivemos. Os contactos a nível de Ministério estavam já prestes a realizar-se quando surgiu o 11 de Março e a subsequente remodelação ministerial. Já foram estabelecidos novos contactos e aguardamos agora o início das negociações em ordem àquilo que nós e a terra julgamos dever ser feito para bem de todos.

D. E. — Poder-se-á adiantar já algo de

concreto em relação às novas propostas a negociar?

A. S. — Não se pode ainda adiantar grande coisa quanto a esse aspecto. Entretanto, posso pessoalmente dizer que a Solverde conta realizá-las com o apoio e colaboração das pessoas que estejam interessadas. Está-se na disposição de realizar muitas coisas (casas de renda resolúvel, etc.) devidamente enquadradas no momento actual. Agora está tudo dependente das conversações com o Estado; só depois poderemos fazer ajustes de acordo com os interesses da terra.

TURISMO PARA ELITES?

S. A. — Voltando à problemática nacional, podemos considerar que até agora se tem feito em Portugal um turismo de elite, mas só em parte. Tenho andado por todos os hotéis portugueses e têm-me aparecido clientes de todas as nacionalidades. Ora muitos milhares são trabalhadores de minas, ferroviários e de outros ramos de actividade que não constituem, de forma alguma, uma elite. A entrada das suas divisas compensa só até determinado ponto. Como já foi referido, para podermos conquistar essas divisas, temos de importar géneros para os servirmos. E eles vêm cá comer muito mais barato do que nos seus países de origem. O que é preciso é produzir muito mais, sobretudo géneros alimentares (carne, cereais) para não termos de os importar. Quanto ao turismo social interno está-se a pensar nisso e deve sair brevemente um programa «Faça Férias Portuguesas», onde os preços se tornarão de tal modo baixos que um casal com um vencimento de 12.000\$00 mensais poderá perfeitamente gozar vinte dias de férias num hotel de 4 ou 5 estrelas. Isto na época de Verão. Nos outros meses poderá mesmo passar um mês. Mas isto trás um problema a nós, trabalhadores hoteleiros: temos que baixar consideravelmente os preços, ao passo que os géneros alimentícios que abastecem os hotéis vão encarecendo. É preciso que isto seja acompanhado pelo Governo no sentido de se formarem cooperativas que forneçam os hotéis a preços mais baixos. Caso contrário, a rentabilidade dos hotéis não terá sequer para pagar ao pessoal. Esta baixa nos preços turísticos, se bem acompanhada, poder-nos-á permitir concorrer com a Espanha, por exemplo, que faz turismo muito mais barato.

D. E. — A nível de Espinho constata-se que a capacidade hoteleira é absorvida, quase em metade, pelo Hotel Praia Golfe, reservado às elites. Portanto, que turismo se tem procurado fazer em Espinho, senão um turismo de elites?

A. B. — Evidentemente que no que se refere ao turismo estrangeiro, até é de aconselhar que venham as elites, que venham banqueiros e que deixem aqui o seu dinheiro. Agora, em relação ao turismo interno, teremos de fazer um turismo de massas, ao alcance da grande maioria do nosso povo. Mas são dois problemas distintos.

D. E. — Uma das maneiras de desenvolver esse turismo de massas não poderia ser um incentivo forte a dar ao campismo, modalidade internacionalmente aceite como válida para o turismo? Ora sabemos, no que se refere a Espinho, das condições extremamente deficientes do parque de campismo. Talvez o sr. Mota pudesse dizer qualquer coisa a este respeito.

UM ÓRGÃO TURÍSTICO REGIONAL

A. M. — Gostaria, antes de mais, de

tecer algumas considerações de nível mais geral. Julgo que no Norte do país nunca se fez turismo a sério. Construíram-se uns tantos hotéis sem se pensar se havia gente para os ocupar. Campanhas de propaganda turística, venda a sério de turismo no estrangeiro, nunca se fez. Condições e equipamento turísticos em Espinho também não abundam, de modo a justificar essa propaganda no estrangeiro. Apenas um hotel importante e o Casino. Há neste momento uma opção fundamental: ou fazer turismo para vender no estrangeiro ou fazer turismo para os portugueses. Se se optar pela segunda, não serão precisos hotéis de 4 ou 5 estrelas, mas parques de campismo, hotéis de 2 estrelas, apartamentos turísticos de rendas baratas. Os hotéis luxuosos só podem ser ocupados por turistas com grande poder de compra, nacionais ou estrangeiros. E para isto não me parece que Espinho possa reunir as condições necessárias. A estruturação urbanística não ajuda e as próprias condições naturais, sob a influência de ventos dominantes, afastam muita gente. Quanto ao turismo interno acredito que algo possa ser feito. Mas isso passa pelas condições que já referi, para além de um órgão regional que oriente toda a estratégia turística nesta zona do litoral norte.

A. S. — Quanto a esse órgão a nível regional, parece que se está já a pensar, seriamente nisso. No meu entender, a enorme dispersão, e fazer cada um a sua propaganda, puxando cada qual pelo seu bocado, é a grande responsável. Se se trabalhasse convenientemente, pois acho que Espinho tem tantas condições como qualquer outra terra. Espinho não é só o centro: pode ir até Paramos, até à Barrinha, etc.. Acho que temos muito para oferecer, se se fizer um trabalho sério e consciente.

D. E. — Falando de Espinho e das suas condições naturais, surge a praia como centro das atenções. Talvez fosse melhor ouvirmos a opinião de um banheiro, mais directamente afectado por esse problema.

A. A. — Quando a praia era aqui no centro, a frequência era muita. Mas o mar levou as areias, as pessoas começaram a afastar-se para outras praias. Mas acho que Espinho pode ter ainda uma boa praia, tanto para o norte como para o sul, desde que seja bem cuidada e servida por acessos. Nós, banheiros, pensamos já em nos unirmos numa cooperativa, com melhores condições para todos nós. Mas para isso é preciso que a Câmara faça uma ponte sobre o Rio Largo, uma estrada, instalações sanitárias, etc., para então termos uma praia em condições. E claro, com a nossa cooperativa a funcionar, poderíamos tentar aproveitar o sul, que tem muito boas condições. Que com isso venham os acessos e tudo o resto que for necessário.

(Dada a extensão desta mesa redonda, interrompemos aqui esta publicação que faremos concluir no próximo número).

Centro Fotográfico

Alvaro Nunes de Pinho
Tudo para Fotografia e Cinema

RETRATOS
RELOJOARIA

Rua 8 N.º 645

ESPINHO

SOLVERDE — Sociedade de Investimentos Turísticos da Costa Verde, s.A.R.L.

Relatório, Balanço e Contas — 1974
ESPINHO

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas:

No fim do último ano do nosso mandato cumprimos o estipulado na Lei e nos Estatutos apresentando à apreciação e deliberação de V. Exas. o Relatório, Balanço e Contas do exercício de 1974.

Não nos parece despropositado fazer aqui uma rápida retrospectiva da curta vida da nossa sociedade e da acção desenvolvida durante o nosso mandato.

De acordo com a letra e o espírito dos estatutos a nossa sociedade foi criada para o desenvolvimento turístico, económico e cultural da zona em que Espinho se situa. Como já no relatório do ano anterior dissemos, era necessário criar as condições e estruturas económicas necessárias para que estes objectivos fossem alcançados, pelo que concorremos e foi-nos adjudicada a exploração da zona de Jogo de Espinho.

Parece que não restam dúvidas de que as realizações a que nos propusemos se situam dentro desse espírito. É natural que, derivado aos condicionalismos políticos actuais, algumas dessas realizações sejam encaminhadas noutro sentido, por decisão de instâncias superiores, para o que estamos absolutamente abertos e conscientes das suas válidas razões.

No primeiro ano que foi da exploração do Casino surgiram-nos imensas dificuldades pela inexperiência de que éramos e ainda somos possuidores e alguns erros e lapsos foram cometidos. Esperamos que o público em geral e os accionistas em particular nos relevem muitas faltas involuntariamente cometidas.

Apesar de tudo foram levadas a cabo algumas válidas realizações de carácter sócio-cultural que tiveram junto do público a melhor aceitação. Foi-nos possível, e o fizemos com muito gosto, apoiar algumas realizações de Associações Desportivas, Culturais, de Trabalhadores e de Estudantes.

Estaremos dispostos, sempre que nos seja possível e autorizado, a apoiar e colaborar com todas as realizações que nos sejam propostas com o desejo firme de contribuir para a criação da nova sociedade que se pretende implantar no nosso país.

Entrando na análise sucinta do Balanço e Contas de Resultados verifica-se que o resultado do exercício foi de Esc. 28.019.271\$40 após se ter feito as amortizações legais e constituídas as provisões necessárias. Ahamos conveniente esclarecer as provisões efectuadas no montante de Esc. 21.187.666\$60.

Assim a provisão para cumprimento das obrigações da concessão foi efectuada

na base de 1/15 das obrigações da concessão não reversíveis para a Sociedade, pois nos pareceu ser de imputar a todos os exercícios igual importância, na medida que estas obrigações se reportam aos 15 anos da concessão.

A provisão para devedores duvidosos foi efectuada na base dos cheques em nosso poder para cobrar, cheques esses que no início da temporada fomos obrigados por lei a aceitar.

A provisão para Contribuições e Impostos destina-se à cobertura dos impostos a liquidar respeitante ao resultado obtido na exploração, mormente o imposto de Defesa e Valorização do Ultramar que ainda não foi revogado.

Atendendo aos condicionalismos do art.º 33 dos estatutos e considerando que é necessário criar uma reserva para as obrigações reversíveis para a Sociedade propomos a seguinte aplicação do resultado:

Fundo de Reserva Legal	Esc.	1.416.271\$40
Dividendos aos Accionistas	Esc.	1.400.000\$00
Para os fins previstos na alínea c) do art.º 33 dos Estatutos	Esc.	1.401.000\$00
Reserva para Reforço da Posição Económica da Sociedade, alínea d) do art.º 33 dos Estatutos	Esc.	2.802.000\$00
Reserva para cumprimento das obrigações da concessão reversíveis para a Sociedade	Esc.	21.000.000\$00
TOTAL	Esc.	28.019.271\$40

Resta-nos agradecer aos Srs. Accionistas a confiança em nós depositada, ao Conselho Fiscal a prestimosa e dedicada colaboração, a todo o pessoal da empresa a sua abnegação e dedicação e a todo o público a sua inestimável preferência.

Espinho, 28 de Fevereiro de 1975.

O Conselho de Administração

Dr. Augusto Lebeque Alves da Silva
Francisco João Gomes de Castro
José Luís Rodrigues Augusto

Balanço geral em 31 de Dezembro de 1974

ACTIVO

Disponível			
Caixa	1.354.835\$10		
Depósitos à ordem	1.986.965\$20	3.341.800\$30	
Realizável			
Depósitos a prazo e com pré-aviso	44.800.000\$00		
Clientes	24.290\$50		
Devedores e Credores (Sal. Deved.)			
Existências	2.332.989\$90		
Encargos pagos adiantadamente e proveitos diferidos — Proveitos Diferidos	407.838\$20		
	175.000\$00	47.740.118\$60	
Imobilizado			
Imobilizações gerais			
Imobilizações Próprias			
Instalações	38.269\$50		
Móveis e Utensílios	13.864\$50		
Equipamento de Transporte	84.950\$00		
Outra Imobilizações	8.750\$00	145.834\$00	
Imobilizações Afectas ao Casino			
Móveis e Utensílios	3.252.798\$70		
Imobilizado Incorpóreo	935.000\$00	4.187.798\$70	
Imobilizações Afectas às Obrigações da Concessão			
Imóveis	2.635.781\$50		
Instalações	63.633\$40		
Móveis e Utensílios	12.563\$00	2.711.977\$90	
Imobilizado Incorpóreo			
Gastos Plurienais Iniciais		229.488\$30	7.275.098\$90
Imobilizações em curso			
Imobilizações Afectas às Obrigações da Concessão			
Imóveis	7.134.320\$00	7.134.320\$00	
Total do activo			65.491.337\$80
Contas de Ordem			
Cauções estatutárias		150.000\$00	
Obrigações da concessão		433.490.000\$00	
Património da concessão da exploração da zona de jogo		16.898.487\$50	
Devedores por garantias prestadas		35.000.000\$00	
			485.538.487\$50

PASSIVO

Exigível			
Fornecedores		568.509\$20	
Devedores e credores (Saldos Cred.)		870.685\$80	
Encargos a pagar e proveitos antecipados			
Encargos a pagar		134.721\$30	1.573.916\$30
De Regularização do Activo			
Reintegrações			
De Imobilizações Próprias	31.034\$80		
De Imobilizações Afectas ao Casino	279.186\$50		
De Imobilizações Afectas às Obrigações da Concessão	178.639\$20		
De Imobilizado Incorpóreo	202.684\$80	691.545\$30	
Provisões			
Provisão para cumprimento das Obrigações da Concessão	15.512.666\$60		
Provisão para Devedores Duvidosos	2.230.000\$00		
Provisão para Contribuições e Impostos	3.445.000\$00	21.187.666\$60	21.879.211\$90
Total do passivo			23.453.128\$20
Situação Líquida			
Anterior			
Capital		14.000.000\$00	
Reservas			
Fundo de Reserva Legal		18.938\$20	
		14.018.938\$20	
Adquirida			
Ganhos e Perdas			
Resultados do Exercício		28.019.271\$40	42.038.209\$60
			65.491.337\$80
Contas de Ordem			
Credores por cauções estatutárias			150.000\$00
Credores por obrigações da concessão			433.490.000\$00
Credores pelo património de concessão da exploração da zona de jogo			16.898.487\$50
Credores por garantias prestadas			35.000.000\$00
			485.538.487\$50

O Técnico de Contas
António Ribeiro de Sá

O Conselho de Administração
Dr. Augusto Lebeque Alves da Silva
Francisco João Gomes de Castro
José Luís Rodrigues Augusto

SOLVERDE — Sociedade de Investimentos Turísticos da Costa Verde, s. A. R. L.

DESENVOLVIMENTO DA CONTA «GANHOS E PERDAS» EM 31 DE DEZEMBRO DE 1974

	Deve	Haver
RESULTADOS DA EXPLORAÇÃO		31.419.271\$40
PROVISÃO PARA CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS	3.400.000\$00	
	3.400.000\$00	
SALDO	28.019.271\$40	
	31.419.271\$40	31.419.271\$40

DESENVOLVIMENTO DA CONTA DE EXPLORAÇÃO

	Pensão Demétrio	Praça Touros	Casino	Comuns Gerais	Total Geral
DÉBITOS					
Custos Directos					
Gastos com o Pessoal					
Órgãos Sociais				322.000\$00	322.000\$00
Remunerações ao Pessoal			5.695.299\$90		5.695.299\$90
Encargos Sociais			1.984.683\$90	130.059\$50	2.114.743\$40
Consumos			3.518.224\$80		3.518.224\$80
Despesas com Materiais e serviços	1.564\$10	15.569\$50	1.535.732\$70	42.621\$80	1.595.488\$10
Gastos Gerais Administrativos			110.631\$80	86.042\$10	196.673\$90
Gastos comerciais					
Publicidade			417.004\$00		417.004\$00
Outros (Brindes e Ofertas a Clientes)			767.179\$50	1.378\$00	768.557\$50
Contribuições e Impostos	24.870\$00		7.067.442\$60	30.268\$00	7.122.580\$60
Encargos Financeiros			457.289\$80		457.289\$80
Outros Gastos de Gestão					
Variedades			2.352.550\$00		2.352.550\$00
Conjuntos Musicais			1.537.200\$00		1.537.200\$00
Outros	12.705\$00	18.695\$80	2.226.207\$70	11.869\$90	2.269.478\$40
Amortizações e Provisões					
Amortizações			279.186\$50	99.159\$90	378.346\$40
Provisão para Devedores Duvidosos			2.230.000\$00		2.230.000\$00
Provisão para as Obrigações da Concessão			17.112.666\$60		17.112.666\$60
Custos Indirectos	39.139\$10	34.265\$30	47.291.299\$80	723.399\$20	48.088.103\$40
Imputação dos Gastos Comuns	597\$80	523\$30	722.278\$10	723.399\$20	—\$—
Total dos Custos	39.736\$90	34.788\$60	48.013.557\$90	—\$—	48.088.103\$40
CRÉDITOS					
Proveitos Directos					
Vendas e Serviços	53.000\$00	34.758\$50	78.953.611\$40		79.041.369\$90
Resultados Diversos					
Proveitos Financeiros		2.151\$00	44.153\$80	252.510\$40	298.815\$20
Outros Resultados	2.221\$30	1.250\$00	163.264\$40	454\$00	167.189\$70
Proveitos Indirectos	55.221\$30	38.159\$50	79.161.029\$60	252.964\$40	79.507.374\$80
Distribuição dos Proveitos Comuns	176\$20	121\$80	252.666\$40	252.964\$40	—\$—
Total dos Proveitos	55.397\$50	38.281\$30	79.413.696\$00	—\$—	79.507.374\$80
Resultados	15.660\$60	3.492\$70	31.400.118\$10		31.419.271\$40

O Conselho de Administração

O Técnico de Contas

António Ribeiro de Sá

Dr. Augusto Lebegue Alves da Silva
Francisco João Gomes de Castro
José Luís Rodrigues Augusto

RELATÓRIO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

Respeitando o estipulado na legislação vigente e de acordo com o consignado nos estatutos, vimos apresentar o parecer sobre o Balanço, Contas de Exploração e de Ganhos e Perdas, do Conselho de Administração, que nos foi presente nos prazos estabelecidos.

Analizados os referidos documentos, cumpre-nos assegurar que os mesmos reflectem, realisticamente, a situação final extractada das contas e registos contabilísticos e livros obrigatórios que este Conselho, regularmente, examinou durante o ano tático e que sempre encontrou em perfeita ordem de arrumação.

E-nos, também, grato referir o diálogo que sempre mantivemos com a Excelentíssima Administração no que respeita ao evoluir da exploração cujos resultados agora se nos patenteiam.

No que respeita ao critério valorimétrico das existências e pressupostos das reintegrações, informa-se que se utilizaram os preços de aquisição para as primeiras, as taxas máximas da Portaria n.º 21.867 para as imobilizações reversíveis e a de 1/15 para as aquisições não reversíveis.

Resta-nos agradecer à Excelentíssima Administração e trabalhadores da Solverde a colaboração que sempre nos prestaram, endereçar-lhes os nossos sinceros parabéns pelo profícuo trabalho desenvolvido, sendo parecer deste Conselho Fiscal:

DISTRIBUIÇÃO DECIDIDA EM ASSEMBLEIA GERAL DA VERBA DA ALINEA C) DO ARTIGO 33 DOS ESTATUTOS

HOSPITAL DE ESPINHO (Para ampliação do hospital ou apetrechamento de instalações destinadas a classes menos favorecidas)	350.000\$00
CENTRO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL	150.000\$00
PATRONATO DA DIVINA PROVIDÊNCIA	50.000\$00
ASSOCIAÇÃO DOS BOMBEIROS VOLUNTARIOS DE ESPINHO (Para despesas com edifícios)	150.000\$00
ASSOCIAÇÃO DOS BOMBEIROS VOLUNTARIOS ESPINHENSES (Para despesas com edifícios)	150.000\$00
(a) ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO	120.000\$00
(a) SPORTING CLUBE DE ESPINHO	120.000\$00
(a) (Para, após planificação conjunta, proporcionarem aulas de ginástica e de iniciação desportiva gratuita às crianças das escolas primárias do Concelho e dos estabelecimentos de ensino médio de Espinho que delas precisem)	
AERoclUBE (Para desenvolvimento das escolas de pilotagem)	50.000\$00
(b) GRUPO COLUMBÓFILO DE ESPINHO	10.000\$00
(b) GRUPO COLUMBÓFILO DE ANTA	10.000\$00
(b) GRUPO COLUMBÓFILO DE PARAMOS	10.000\$00
(b) (Com a obrigação de organizarem um concurso anual conjunto)	
(c) BANDA DE MÚSICA DE ESPINHO	50.000\$00
(c) BANDA DE MÚSICA DE SILVALDE	50.000\$00
(c) BANDA DE MÚSICA DE PARAMOS	50.000\$00
(c) (Com a obrigação de cada um fazer uma exibição pública mensal)	
ACADEMIA DE MÚSICA (Com a obrigação de um sarau)	20.000\$00
TUNA DE ANTA (Com a obrigação de fazer 4 exposições públicas anuais)	26.000\$00
GRUPO TAUROMÁQUICO DE ESPINHO	5.000\$00
CLUBE RECREATIVO E CULTURAL DE PARAMOS (Para investir no jardim escola ou em outras obras de assistência à infância)	25.000\$00
LIGA DOS COMBATENTES	5.000\$00
	1.401.000\$00

Solverde, 28 de Março de 1975.

SOLVERDE — SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS TURÍSTICOS DA COSTA VERDE, SARL

ESPINHO

CAPITAL — 14.000.000\$00

DIVIDENDO DO EXERCÍCIO DE 1974

Avisam-se os Senhores Accionistas de que está a pagamento a partir do dia 19 de Maio de 1975 o dividendo do exercício de 1974 de Esc.: 100\$00, por cada acção, cativa de impostos.

A importância líquida a receber é de:

ACÇÕES AO PORTADOR 65\$46, (8)
ACÇÕES NOMINATIVAS 77\$72

Espinho, 6 de Maio de 1975

- 1.º — Que sejam aprovados o Balanço, Contas e Relatório apresentados pelo Conselho de Administração;
- 2.º — Que seja aprovada a distribuição dos Resultados conforme o especificado e proposto no respectivo Relatório.

Espinho, 12 de Março de 1975.

O Conselho Fiscal

Dr. Augusto de Oliveira Maia
Arq.º Jerónimo Ferreira Reis
Armando Jorge Baptista Soares
Dr. Henrique Neves Estima
António Sousa Reis

Tribunal do Trabalho da Feira

ANÚNCIO

Pelo presente se anuncia que correm éditos de vinte dias para citação de quaisquer credores incertos para, no prazo de dez dias, findo que seja o dos éditos, e a contar da publicação do segundo e último anúncio, deduzirem os seus direitos nos autos de execução sumária, em que é exequente a Caixa de Previdência e Abono de Família da Indústria Têxtil, com sede no Porto, e executado Fernando Pereira, residente em Santa Cruz, Silvalde-Espinho, e cuja execução corre seus termos pelo Tribunal do Trabalho da Feira, sob o número *duzentos e trinta e quatro* do ano de mil novecentos e setenta e três.

Feira, 28 de Abril de 1975.

O Juiz,

a) *Nuno de Albuquerque e Sousa*

O Escriurário,

a) *Adérito Madureira*

«Defesa de Espinho», N.º 2250, de 17/5/75

Tribunal do Trabalho da Feira

ANÚNCIO

Pelo presente se anuncia que correm éditos de vinte dias para citação de quaisquer credores incertos para, no prazo de dez dias, findo que seja o dos éditos, e a contar da publicação do segundo e último anúncio, deduzirem os seus direitos nos autos de execução sumária, em que é exequente a Caixa de Previdência e Abono de Família da Indústria Têxtil, com sede no Porto, e executado Fernando Pereira, residente em Santa Cruz, Silvalde-Espinho, e cuja execução corre seus termos pelo Tribunal do Trabalho da Feira, sob o número *quinhentos e sessenta e seis* do ano de mil novecentos e setenta e três.

Feira, 28 de Abril de 1975.

O Juiz,

a) *Nuno de Albuquerque e Sousa*

O Escriurário,

a) *Adérito Madureira*

«Defesa de Espinho», N.º 2250, de 17/5/75

Tribunal do Trabalho da Feira

ANÚNCIO

Pelo presente se anuncia que correm éditos de vinte dias para citação de quaisquer credores incertos para, no prazo de dez dias, findo que seja o dos éditos, e a contar da publicação do segundo e último anúncio, deduzirem os seus direitos nos autos de execução sumária, em que é exequente a Caixa de Previdência e Abono de Família da Indústria Têxtil, com sede no Porto, e executado Fernando Pereira, residente em Santa Cruz, Silvalde-Espinho, e cuja execução corre seus termos pelo Tribunal do Trabalho da Feira, sob o número *quinhentos e setenta e cinco* do ano de mil novecentos e setenta e três.

Feira, 28 de Abril de 1975.

O Juiz,

a) *Nuno de Albuquerque e Sousa*

O Escriurário,

a) *Adérito Madureira*

«Defesa de Espinho», N.º 2250, de 17/5/75

Tribunal do Trabalho da Feira

ANÚNCIO

Pelo presente se anuncia que correm éditos de vinte dias para citação de quaisquer credores incertos para, no prazo de dez dias, findo que seja o dos éditos, e a contar da publicação do segundo e último anúncio, deduzirem os seus direitos nos autos de execução sumária, em que é exequente a Caixa de Previdência e Abono de Família da Indústria Têxtil, com sede no Porto, e executado Fernando Pereira, residente em Santa Cruz, Silvalde-Espinho, e cuja execução corre seus termos pelo Tribunal do Trabalho da Feira, sob o número *quinhentos e setenta e seis* do ano de mil novecentos e setenta e três.

Feira, 28 de Abril de 1975.

O Juiz,

a) *Nuno de Albuquerque e Sousa*

O Escriurário,

a) *Adérito Madureira*

«Defesa de Espinho», N.º 2250, de 17/5/75

Tribunal do Trabalho da Feira

ANÚNCIO

Pelo presente se anuncia que correm éditos de vinte dias para citação de quaisquer credores incertos para, no prazo de dez dias, findo que seja o dos éditos, e a contar da publicação do segundo e último anúncio, deduzirem os seus direitos nos autos de execução sumária, em que é exequente a Caixa de Previdência e Abono de Família da Indústria Têxtil, com sede no Porto, e executado Fernando Pereira, residente em Santa Cruz, Silvalde-Espinho, e cuja execução corre seus termos pelo Tribunal do Trabalho da Feira, sob o número *quinhentos e setenta e sete* do ano de mil novecentos e setenta e três.

Feira, 28 de Abril de 1975.

O Juiz,

a) *Nuno de Albuquerque e Sousa*

O Escriurário,

a) *Adérito Madureira*

Dr. Cerqueira Fernandes

Solicitador

Rua 26 n.º 335 (ângulo da Rua 11)
Telef. 921423 — ESPINHO

Prédio — vende-se

Na Rua 2 N.º 673 rés-do-chão e
1.º andar

Informa Manuel Alves Pereira
R. 4, 1128 - Telef. 920839

Aluga-se
Garagem

Falar pelo Telefone N.º 921644

colormar

FOTOGRAFIA

- SOMOS ESPECIALIZADOS EM FOTOGRAFIA DE BEBÉS
- DECORE A SUA CASA COM POSTERS DO SEU BEBÉ
- APROVEITE OS NOSSOS PREÇOS DE LANÇAMENTO
- TEMOS UM MODERNO ESTÚDIO ELECTRÓNICO E LABORATÓRIO PRÓPRIO DE FOTOGRAFIA A CORES

Direcção técnica de **ALBERTO PINHO**

— VISITE-NOS NA RUA 62 N.º 105 — ESPINHO —

GENTIL GOMES DA COSTA

PROPRIEDADES
COMPRA • VENDA

Rua Fernandes Tomás, 664
Telefs. 380834 · 311991 · 381032
PORTO



MEDIADOR AUTORIZADO

TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469

Telef. 920825-977

Importador Electrodomésticos EDESA

BOSCH — KREFFT — ARISTON

RÁDIO E T.V.: BLAUPUNKT — LOEWE-OPTA

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

CANALIZAÇÕES

CARTUCHOS COM MÚSICA 80\$00

CASSETES COM MÚSICA 60\$00

TÉCNICOS ELECTRÓNICA E ELECTRODOMÉSTICOS

MÓVEIS ● ALCATIFAS

PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTENCIA

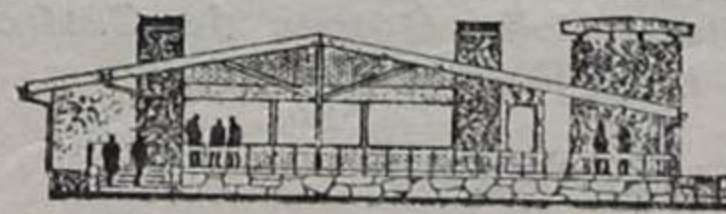
CASA LUCIANA  Boutique

Rua 19 n.º 318 — ESPINHO

Representante em ESPINHO dos Brinquedos «SÓBRINCA»
e dos artigos de viagem «TAURO»

Carteiras de Senhora, Sacos de Praia e Viagem,

Calçado, Artigos de Fantasia — NOVIDADES!



Restaurante
Snack — Discoteca

CABANA

T
E
L.

9 9
2 2
1 1
3 9
2 6
2 6

SALÃO DE FESTAS E SERVIÇO especial para Baptizados, Casamentos e Confraternizações.

Na Discoteca

Aos Sábados à Noite

Aos domingos — Matinée

Encerrado à terça-feira para descanso do pessoal

MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lúrio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

ATENÇÃO — Brevemente abre ao Público
PRAIA DO SOL

Com secções de DISCOTECA — novidades em discos e cassetes gravadas
VIAGENS — Aluguer Autocarros para Excursões

Organização de Viagens no País e Estrangeiro

Rua 16 — (Mercado Municipal) — ESPINHO

PINTURARTE

Tecnicamente especializado em todo o género de Pintura Artística, Móveis de Adorno e todo o género de objectos de decoração.

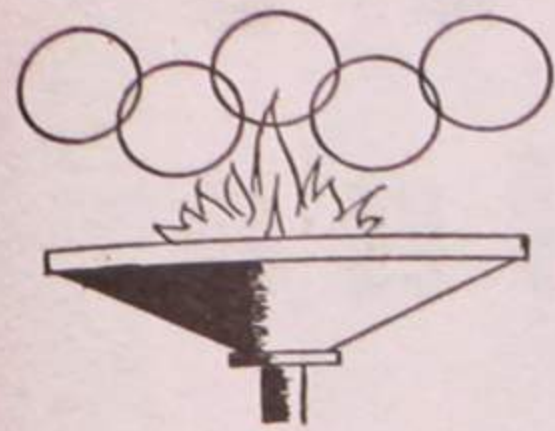
Armando Alves Ribeiro

Desenhador — Pintor de Arte

Rua 18, n.º 943

— ESPINHO —

Telefone, 921412



desporto



Sporting de Espinho regresso à 2.ª Divisão

Finalizou o «nacional» da 1.ª divisão. Cumpru-se o «sonho» espinhense de andar entre os melhores do futebol nacional. Apenas não se esperaria que fosse de ida e volta. Aconteceu, pois o desporto é assim, fértil em imprevistos. A priori, não há hipóteses de certezas.

O Sporting de Espinho passou pela 1.ª divisão. Razões para que não se tivesse firmado, há muitas. Serão conforme a óptica de apreciação. Uns dizem que foi o treinador. Outros que não havia plantel capaz. Ainda outros, anunciam que não havia estruturas. Também se ouviu a hipótese da existência de «guerra de bastidores». Enfim, estas e outras conjecturas apareceram e continuarão a aparecer por algum tempo. A realidade, porém, é que a equipa voltou ao ambiente habitual. A verdade é que, no fundo, aconteceu desporto. E todas as conjecturas, especulações, suposições, encontrarão a melhor explicação na linguagem fria dos números.

Assim, verificamos que, ao cabo de 30 jornadas, o Sporting de Espinho obteve o último lugar, com 15 pontos. Fez 25% dos possíveis. Foi a equipa que menos conseguiu em «casa» (12) e «fora» (3). Foi, depois do Oriental, a turma com menos vitórias no próprio campo, pois obteve apenas 4. E «fora» constituiu o único «onze» que nunca triunfou. Em «casa», não houve nenhuma outra a sofrer tantos golos (27), enquanto marcou 19, mas neste aspecto três equipas fizeram pior. Em campo alheio só conseguiu 6 golos, ficando atrás do Oriental (o pior com 5), no entanto sofreu

37, havendo aí três conjuntos piores. Em globo, teve o 2.º pior ataque do campeonato com 25 golos, uma média de 0,833 por jogo e também a segunda defesa mais vulnerável com 64 tentos sofridos, isto é, a média de 2,466 por encontro. No cômputo geral, constituiu a turma que menos triunfou, pois só venceu 4 encontros e, com o Olhanense, foi a turma mais derrotada (19 vezes).

Portanto, os números dizem-nos, sem sofisma, nem especulações, que a equipa espinhense não rendeu o suficiente para alcançar uma posição capaz de lhe garantir a permanência. Ficou cumprido o sonho de muitos anos. Viveu-se a experiência diferente. Agora, volta-se ao contacto que era o habitual. Apenas com a diferença de que, pela reviravolta no futebol, é preciso estruturar de outra maneira. Torna-se indispensável não se ficar a carpir mágoas, mas encarar as realidades e traçar o caminho adequado para o futuro. A direcção, os outros órgãos dos corpos gerentes, os associados terão de se debruçar sobre o assunto e dizerem que caminho se vai seguir.

O Sporting de Espinho regressou à 2.ª divisão. Prepare-se-lhe o regresso. Mas, prepare-se, integrando no futuro contexto do futebol português. Com realismo, sem utopias, pois as realidades de agora e do futuro para o futebol serão outras. E será bom que todos estejam bem avisados e certa óptica, e certas mentalidades, se actualizem.

C. S.

VOLEIBOL

CAMPEONATO NACIONAL DE JUVENIS

BENFICA, 3 — A.A.E., 2

A.A.E. — Serrano, Pinto, Paulino, Paupério, Manecas, Batista, Chico, Fidalgo, C. Rui, Barra e Antunes.

Jogo de grande emoção em que a A.A.E. praticou melhor voleibol do que o seu adversário, faltando-lhe um pouco de sorte na parte final do jogo.

CAMPEONATO NACIONAL DE INICIADOS

JUVENT. SALESIANA, 1 — A.A.E., 3

A.A.E. — Rogério, Maltez, Jorge, Orlando, Fidalgo, Toni, Lacerda, Ricardo, Duarte, R. Almeida e Peixoto.

Jogo onde a superioridade da A.A.E. nunca esteve em causa, apesar da excelente réplica oferecida pelo adversário. Com esta vitória a A.A.E. mantém inalteráveis as suas aspirações ao título nacional.

TORNEIO DE ENCERRAMENTO DE INICIADOS

A A.A.E. venceu o ESMORIZ por falta de comparência.

SENIORES MASCULINOS

A.A.E., 0 — S. C. ESPINHO, 3
A.A.E., 2 — C.D.U.P., (B), 3

A.A.E. — Monteiro, Adriano, Manel José, Melo, Aragão, Beto, Fausto, Rodrigues, Figueiredo, Matos, Zé Carlos.

FEMININO

A.A.E., 0 — ESMORIZ, 3

A.A.E. — Mena, Lurdes, Tucha, Mira, Estela e Fátima.

HÓQUEI EM PATINS

SENIORES

A.A.E., 3 — ACADÉMICO, 1

A.A.E. — Vítor, Miro (1), Manel Zé (1), R. Lacerda (1), Alfredo, Alcino, R. Azevedo e Jorge.

Vitória arrancada a ferros, pois só nos últimos minutos se viria a decidir o vencedor.

JUVENIS

ACADÉMICO, 2 — A.A.E., 0

A.A.E. — Ismael, Padrão, Quim, Rocha, Reis, Sousa e Alves.

INFANTIS

ACADÉMICO, 1 — A.A.E., (A), 5

A.A.E. — Vítor, Silva, Sousa (1), Vítor Hugo (2), Gabriel, Marçal (2) e Jorge.

Terminada a 1.ª volta a A.A.E. está em 1.º lugar e conta por vitórias os jogos disputados, tendo 128 golos marcados e 8 sofridos tendo os dois avançados, Vítor Hugo e Gabriel obtido respectivamente 42 e 36 golos.

A.A.E., (B), 0 — F. C. DO PORTO, 5

A.A.E. — Morgado, Sá, Faria, Arsenio, Lima, Toni, Valdemar e Guedes.

FUTEBOL

Campeonato Nacional da 1.ª Divisão

F. C. do Porto, 4 — S. C. de Espinho, 0

Replicar até onde foi possível

No «Bessa», por interdição das «Antas», o Sp. de Espinho foi jogar o encontro de despedida da 1.ª divisão, sob a arbitragem de António Espanhol (Leiria), em tarde ventosa, com as equipas alinhando:

F. C. DO PORTO — Tibi; Murça, Rolando, (Teixeira), Vieira Nunes e Leopoldo; Cubillas, Rodolfo e Peres; Oliveira Júlio, (Lemos) e Laurindo.

SP. DE ESPINHO — Aníbal; Bernardo, Acácio, Valdemar e Meireles; Ferreira da Costa, João Carlos e Hélder, (Júlio); Augusto, Telé, (Gaúcho) e Malagueta.

Golos: Peres, Lemos (2) e Oliveira.
Intervalo: 1-0.

O desafio não agradou como encontro de futebol, sendo prejudicado pelo vento e a pouca assistência não saiu satisfeita.

O F. C. do Porto parece ter substi-

mado os «tigres» e, talvez por isso, criou dificuldades a si mesmo. Os espinhenses, tentaram aguentar até ao possível, embora os portistas se mostrassem perdulários. E conseguiram-no, porquanto retardaram o numerário do triunfo até aos 5 minutos finais. Durante 85 minutos permaneceu o 1-0, no entanto isto não quer dizer que os «tigres» fizessem jus à igualdade ou estivessem próximos de a obter. No entanto um remate de Augusto foi à trave e se viesse o empate, talvez os portistas tivessem passado um mau bocado.

Todavia, mesmo a jogar mal e expressando pouco como força colectiva, os «azuis e brancos» têm futebolistas excelentes e foi precisamente um deles (Oliveira) que «resolveu» o jogo e lhe outorgou a diferença (real?) que existe entre as duas equipas (um 2.º classificado e um despromovido), sem que, em jogo jogado, em exibição, os portuenses a merecessem.

O Sp. de Espinho foi até aonde pode, procurando deixar a primeira divisão dignamente.

C. S.

Vendem-se em Espinho

Talhões de terreno para construção, junto à estrada do Golf, com loteamento aprovado

Falar para Telefone 921422 ou 921265

LEIA E ASSINE A «DEFESA»



FUTEBOL

CAMPEONATO DISTRITAL DE RESERVAS

7-5-75

S. C. ESPINHO, 8—PINHEIRENSE, 1

SCE — Jorge, Gomes, Gonçalves I, Gonçalves II, Chico (Faustino), Quaresma, Bené (Sá), Eduardo, Gaúcho, José Alberto e Peres.

10-5-75

S. C. ESPINHO, 3—P. BRANDÃO, 2

SCE — Rocha; Faustino, Gonçalves I, Gonçalves II e Chico; Sá, Bené e Canelas; Eduardo, José Alberto e Peres.

1.º TORNEIO DE FUTEBOL JUVENIL DE ESPINHO

10-5-75

ESPINHO, 1—ARRIFANENSE, 1

SCE — Domingos; Mário Jorge, Rachão, Rogério e Toninho; Artur, Jesus e Marques (Brito); Amadeu, Alfredo e Sabença.

CAMPEONATO NACIONAL DE INICIADOS

11-5-75

ARRIFANENSE, 6—ESPINHO, 1

SCE — F. Jorge; Sarabando, Rui Manuel, Cântara e Brito; Gaspar, Maia e Gonçalves; Ferreira, Freire e R. Oliveira.

VOLEIBOL

TORNEIO DE ENCERRAMENTO FEMININO

N. ALVARES, 2—ESPINHO, 3

SCE — Lúcia, Clara, Isabel, Teresa, Fátima, Guida, Palmira, Alice, Jesus, M. José e Amélia.

NACIONAL FEMININO

A. COIMBRA, 3—ESPINHO, 0

SCE — Lúcia, Clara, Isabel, Teresa, Fátima, Guida, Palmira e Alice.

TORNEIO DE ENCERRAMENTO MASCULINO

6-5-75

ESPINHO, 3—A. A. ESPINHO, 0

10-5-75

V. ANDORINHO, 0—ESPINHO, 3

SCE — Rolando, Toni, Tomás, Cadete, Júlio, Chico, Fernando, Luís, Padrão, Rui e Paula.

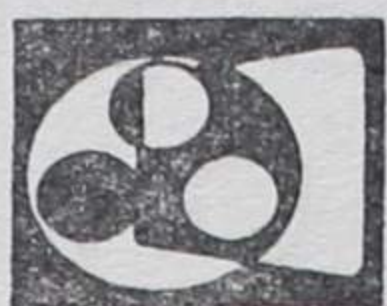
ANDEBOL

CAMPEONATO NACIONAL DA 2.ª DIVISÃO

F. DA HOLANDA, 18—ESPINHO, 20

SCE — Dias, João, Tomás, Fernando, Filipe, Figueiredo, Mário, Geólásio, Manecas, Canelas e Pinto.

Cinema



Dinamizar o cinema? Porquê?

Não sei se haverá muitas ou poucas pessoas interessadas em dinamizar, através de debates, apresentação de filmes, elaboração de programas, etc., o panorama cinematográfico desta cidade ou até concelho.

Já por várias vezes manifestei a opinião de que é necessário partir de iniciativas de base, nas escolas, clubes recreativos, etc., como maneira de tentar dinamizar as pessoas através do cinema (ou de outra coisa qualquer).

Sentindo esta necessidade e tendo conhecimento de que a A.A.E. possui uma máquina de projectar de 16 mm (pertencente ao antigo Cine Clube de Espinho), à qual é dado pouco uso, devido a diversos factores, é que mais uma vez pensei, numa altura em que a Secção Cultural da A.A.E. procura reestruturar e activar as suas actividades, apelar para que as pessoas interessadas, apareçam para trabalhar.

Posto isto e partindo do princípio que haverá pessoas que aderirão à ideia, apresentando como razão o gostarem de cinema, talvez outras não vejam um interesse especial em gastar o seu tempo numa actividade que muitas vezes é identificada como simples divertimento.

Para estas que pensam que o trabalho partidário ou sindical tem neste momento uma prioridade total sobre um trabalho no trabalho no campo cultural ou desportivo, eu lembro citando Augusto Abelaira (Vida Mundial n.º 1835) «que a arte não é menos importante do que a economia. Ou melhor: que não poderá haver economia sã

sem homens ajudados a formar pela arte».

Sendo assim e numa altura em que para muitas pessoas se caminha para a tal economia sã, que para alguns é o socialismo, para outros é o comunismo e para outros, os mais cépticos ou descrentes, nunca será totalmente sã, sou de opinião que também é chegada a altura de se pensar em ajudar através da arte, da cultura, os homens a construir essa economia sã.

E depois deste desvio, um tanto ou quanto lírico, como porventura alguns dirão, tentemos concretizar a importância dum trabalho deste género, de dinamização cinematográfica.

Muita gente se queixa da programação dos cinemas da cidade, no entanto já quantas pensaram no(s) modo(s) de influir nessa situação?

Poder-se-iam pressionar as entidades responsáveis pelo sector, para que tomassem providências no sentido de haver uma melhor selecção de filmes, mais salas de espectáculos, etc..

Ou então tentando criar paralelamente ao circuito comercial uma estrutura apoiada na Cinemateca Nacional, nos Cineclubes, nos Sindicatos, etc., que procurasse suprir as falhas, que a exploração comercial, apresenta.

É pensando nesta última hipótese que se houver gente interessada se poderá pôr a projectar uma máquina existente, até agora pouco usada.

A. CARDOSO

GAZETILHA

AQUI D'EL-REI!

«Casos do dia»; Lê-se nos jornais.
Sucedem-se os assaltos. Há ladrões
De estrada, ratoneiros de quintais.
Bandidos que praticam agressões,
Que «palmam» carros ou motorizadas,
Que «dimpam» bares e tabacarias,
Mesmo agências de banco, acauteladas,
«Boutiques» caras, ourivesarias...

Os que pode, captura a autoridade,
Mas há muitos à solta, infelizmente.
...Sem contar os daquela «qualidade»
Que nos defrauda sossegadamente
E mais não são do que pelotiqueiros
Na manipulação d'altas de preços.
E os que adulteram vinho, os mixordeiros,
Os que roubam por mil e um processos...

Sem arriscar o «físico» em assaltos
E sem cair na alçada da justiça...
Impunes, ignorando os sobressaltos
Advenientes da sua cobiça...

Só é pena que nesta situação,
De aflitivas carências para o Povo,
Não vem raio que parta esta «inflação»
De piratas — a bem dum País Novo!

Alberto Barbosa (BEKA)

MINI - INQUÉRITO

Para o Mini-Inquérito de hoje a pergunta formulada foi: «O que pensa da batalha de produção?»

Eis as respostas que colhe-
mos:

Eduardo Gonzaga, estudante

Neste momento é um ponto fundamental para a construção do Socialismo em Portugal. No entanto, não podemos deixar de ter em conta todos os problemas que a batalha de produção põe, ou seja, a existência de mercados, toda uma reestruturação da economia nacional, que faça corresponder essa batalha de produção a um escape dos produtos e que não seja feita à custa dos trabalhadores. Terá de ser acompanhada de uma reestruturação das relações de trabalho e duma evolução do papel do trabalhador na sociedade portuguesa e um aumento do poder do operário dentro das empresas.»

Rui Matos, desenhador

«Não entendo o que significa a batalha de produção, ou aliás, só a entenderia se efecti-

vamente os trabalhadores tivessem o poder político. Assim a batalha de produção só serve para reconverter a Sociedade Capitalista.»

Joaquim Júlio Marques de Sá,
funcionário público

«Das duas uma: ou pegamos na «ferramenta» de que dispomos e começamos a construir, ou penso que isto está muito mal. Eu sou antigrevista, a não ser que a greve seja justa e com reivindicações honestas acima de tudo.

Em relação a estas greves que têm surgido considero muita coincidência a sua simultaneidade. Penso que haverá parte responsável. Não sei quem, nem acuso ninguém.

Creio que é a hora de fazermos um apelo e uma chamada de consciência a todas as pessoas. É fundamental que se trabalhe, que se produza cada vez mais e não o contrário. Pois então chegaríamos a um ponto em que, parando tudo, o País sucumbiria.

D. E.

Concurso «D. E.»

O nosso Concurso continua. De semana para semana vai aumentando o número de postais que recebemos, embora ainda não nos satisfaça plenamente. Neste, como em muitos outros campos é necessária a participação dos leitores. Por isso, mãos à obra!

—xxx—

O vencedor do Concurso do número 2248, de 3 de Maio de 1975 foi o nosso leitor ANTÓNIO MANUEL BRITO SOUSA PINTO, morador na Rua 20 n.º502 r/c em Espinho. Temos, pois, o primeiro vencedor de Espinho! O prémio, como dissemos um single, está à disposição do nosso leitor, na nossa Redacção. A resposta correcta era: **Carlos de Oliveira**, autor do poema que publicámos.


—xxx—

E vamos ao Concurso desta semana, hoje dedicado ao Desporto.

A pergunta que fazemos é a seguinte:

EM QUE ANO GANHOU O SPORTING CLUBE DE ESPINHO O SEU ÚLTIMO CAMPEONATO NACIONAL DE VOLEIBOL, EM SENIORES?

Ao vencedor deste Concurso entregaremos um livro sobre Desporto. Como os leitores sabem aceitamos respostas até Sábado, em Bilhete Postal.

 **RESIDÊNCIA**
1.ª CLASSE
* * * * *
GIRASSOL
RUA SÁ DA BANDEIRA, 132
TEL. 21891/2/3 — PORTO PORTUGAL

Todos os quartos com banho
Todas las habitaciones con baño
Toutes les chambres avec salle de bain
Every room with bath
RESTAURANTE
TELEFONE 2 7 3 9 3
MARISCOS — PRATOS REGIONAIS
BACALHAU E TRIPAS A MODA DO PORTO
TODOS OS DIAS — AS 5as E DOMINGOS
FEIJOADA A BRASILEIRA

**SEMANÁRIO
AVENÇADO**